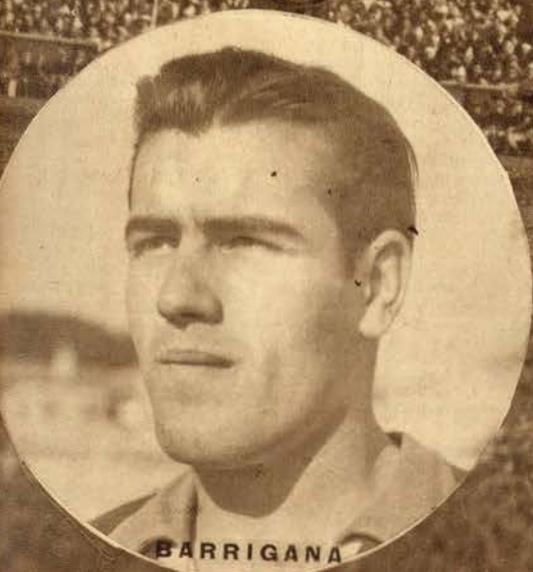
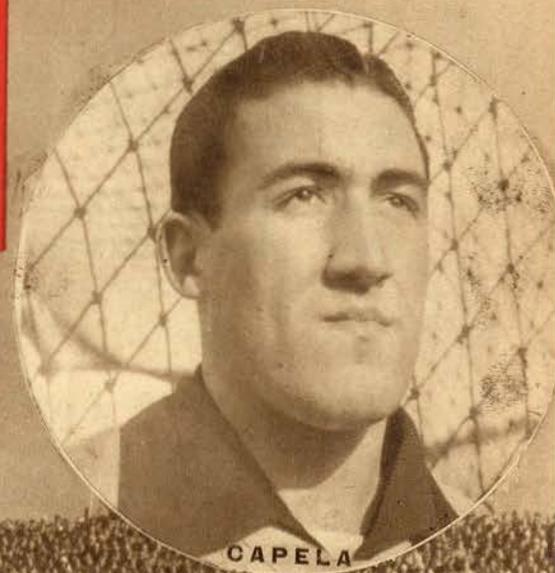


Stadium



Recordemos o Portugal-Espanha na Corunha — pensando no que se vai disputar daqui a dias no Estádio Nacional! Esta imagem da defesa dá bem a ideia de como se batem os espanhóis e como se costumam bater sempre. Conseguirá Capela ou Barrigana, fechar as portas de Portugal? Esperemos que sim!...

N.º 216

22 DE JANEIRO DE 1947

REVISTA DESPORTIVA

2\$50

O Portugal-Espanha de futebol faz esquecer a prova nacional

Revelações e comentários que julgamos oportunos

Crónica de TAVARES DA SILVA



Na verdade, pode dizer-se que o campeonato da Primeira Divisão sofreu no passado domingo uma pausa. Dos sete jogos da 7.^a jornada apenas se efectuaram aqueles em que não intervinham os *internacionais*, isto é, os homens que, na véspera do Portugal-Espanha, precisamos de poupar e resguardar.

Devemos dizer que não foi sem relutância que pusemos a questão de um domingo em branco na Federação Portuguesa, que, aliás, tão perfeitamente tem sentido e acarinhado a nossa missão. Por todas as razões, e até mesmo pela dificuldade das ditas.

Mas uma vez tomada a decisão em nosso espírito, não hesitámos. O que vimos na 6.^a jornada e os informes idóneos que nos chegaram de vários pontos habilitaram-nos a uma decisão firme sobre o assunto.

Evidentemente, nos desafios de campeonato há sempre probabilidades de se magoar uma unidade. Mas essas probabilidades aumentam quando os *internacionais* já estão indicados. Porque, nesse caso, por uma deformação a que não desejamos aplicar o verdadeiro termo, verifica-se uma espécie de caça ao chamado *internacional*. Este, coitado, passa a vida a fugir e a esgueirar-se, e mais tarde ou mais cedo será apanhado na ratoeira. Chega-se ao ponto escandaloso de se mudar de lugar somente para estar mais em contacto com o homem que se quer magoar, no esquecimento imperdoável dos princípios desportivos mais comensinhos e dos interesses sagrados da representação nacional.

Se se passasse em Portugal o que sucede em Espanha, que é um viveiro imenso de jogadores de casta mais ou menos aproximada, o caso teria menos importância. Mas assim não acontece. Temos um lote pouco numero de jogadores de classe, e a falha de um elemento poderia transformar por completo todo um quadro.

Por via da decisão federativa disputaram-se apenas dois encontros de futebol, um em S. João da Madeira e outro em Famalicão. Verificando-se os seguintes resultados:

Vitória G. . . 1 — Sanjoanense 0
Famalicão... 2 — Estoril 6

Não vale a pena comentar os resultados, nem o estado em que se encontra a Tabela. Há, no entanto, a indicação segura de que o Estoril percorre uma linha de resultados admirável, indicando que a equipa tem, como nos diz Fernando Peyroteo, que está ao nosso lado, *sentido do jogo*. Por sua vez, o Vitória de Guimarães afirmou a sua superioridade sobre o *último*, e o Famalicão deu provas de cansaço. Quer queiram quer não, é nosso convencimento que os *teams*, à base da energia, mas sem os indispensáveis conhecimentos técnicos, não podem manter indefinidamente, quer dizer, toda uma época, a mesma toada. A força de vontade e muscular tem limites!

O certo é que, neste momento, quase que não interessa o Campeonato da Primeira Divisão, ou quaisquer outros, pois a preocupação dominante é o Portugal-Espanha do próximo domingo.

Nem podemos sair à rua. As bilheteiras abriram na passada segunda-feira ao público, e toda a gente se nos dirige a pedir bilhetes — como se o Estádio fosse nossa pertença. Por outro lado, os conselhos e as indicações chovem de todos os lados, e quando precisamos ter o espírito mais tranqüilo é precisamente quando todos, sem darem por isso, trabalham no sentido de uma confusão que não aproveita a ninguém...

Os jogadores também são muito assediados. Pessoalmente, ou ao telefone, todos os apoquentam com bilhetes, esquecendo-se que os rapazes precisam de uma tranqüilidade absoluta. Enfim, nós compreendemos que o entusiasmo pelo futebol conduz a muito. Mas deixem a Selecção em paz e sossego, lembrando-se tão somente dela no dia do jogo, com toda a vibração de que se mostra capaz o adepto do futebol.

Na corrente adoptada nesta Revista importa, porém, traçar algumas linhas sobre os dois jogos disputados no passado domingo.

Como já se sabe, a jornada com-

pleta-se nos próximos dias 31 de Janeiro e 2 de Fevereiro, datas em que nos visita o S. Lourenço de Almagro. Este clube apresenta-se na primeira data indicada, no Porto, realizando-se nesse dia encontros do campeonato no resto do país. E no dia 2 joga em Lisboa, acertando-se no Porto a jornada. Está certo!



S grupos, em S. João da Madeira, alinharam da seguinte forma:

Sanjoanense: Mota, Machado, Costa Leite, Santa Clara, Baptista, Carvalho, Pardal, Rocha, Santos, Azevedo, e Alves.

Vitória de Guimarães — Machado, Ferreira, José da Luz, José Maria, Garcia, Luciano, Alexandre, Rebelo, Brioso, Miguel e Alcino.

Arbitro — Correia da Costa, do Porto.

Há encontros dos quais pouco se pode dizer. Os *teams* lutam com bravura, expõem-se, mas não se dão por vencidos senão no final. No fim e ao cabo nada fica. Tudo se perde como o fumo do cigarro...

A Sanjoanense perdeu mais uma vez, mas, em abono de verdade, deve afirmar-se que — com falta de sorte. Os de S. João da Madeira foram mais audaciosos, lançando-se no ataque com decisão. O seu adversário, talvez assustado com o ímpeto, jogou cautelosamente. E, caso curioso, foi precisamente no período em que os sanjoanenses dominaram aquele em que sofreram uma bola que havia de ser, afinal, a da vitória. Aos 17 minutos da segunda parte, Miguel, de longe, atirou às redes. O guarda-redes, sem atenção, nem esboço a defesa. Estava batido! O desafio não foi muito fácil de dirigir, e teve a nota desagradável da expulsão de Luciano, do Vitória de Guimarães. Reduzidos a dez

unidades, os vimaranenses cerraram fileiras. Justo é, todavia, referir que o Vitória de Guimarães mostrou coesão e sentido de conjunto. Ao ataque, o *team* actuou em bloco revelando harmonia de conjunto, e quando teve de defender-se, fê-lo de forma regular cada unidade conjugando com as outras. Eis no fundo a razão do seu triunfo.



Em Famalicão travou-se uma luta que se previu mais nivelada. Os *teams* alinharam:

Famalicão: Sansão, Climaco, Cerqueira, Ferrão, Szabo, Ade-

lino, Manita, Pires, Alvaro Pereira, Tellechea e Gita.

Estoril — Sebastião, Pereira, Oliveira, Nunes, Alberto, Lourenço, Bravo, Mota, Vieira e Raul Silva.

Arbitro — Adão Costa, do Porto.

O desafio viu-se com muito agrado, e a numerosa assistência não perdeu o seu tempo. Pelo contrário, viu uma competição, viva e animada, repleta de boas fases e em que uma mais perfeita manobra levou de vencida um adversário, que esteve longe do seu melhor e ao qual faltou conjunto.

O Estoril está a fazer boa carreira. Os seus sectores ligam bem conjugando-se com habilidade no ataque e mantendo a estrutura da defesa.

Sempre que os famalicenses atacaram, mais em esforços individuais do que na ideia do conjunto, encontraram homens que souberam barrar o caminho. Se cedeu que, nas contra-ofensivas provocadas, ou pelos médios de ataque do Estoril, ou pelos interiores, estas desenvolveram-se com harmonia. Jogando bem.

A superioridade de Lisboa, patente na conjugação dos lanceiros ficou demonstrada logo de início. Ao intervalo, os lisboetas ganhavam folgadoamente, três-a-um, e resultado não dava margem a dúvidas.



Só pensamos agora no Portugal-Espanha, e compreende-se — julgamos! — este nosso estado de espírito.

Quando escrevemos, a equipa — praticamente — está organizada. Há somente dois pontos em dúvida, e o mais importante respeito ao lugar dos *extremos*. Muita gente julgará que uma unidade, ou outra, seja qual for a solução, não importa. Mas a verdade é que as vitórias resultam muitas vezes, destas soluções aliás, pequenas soluções. Poderíamos dizer em que baseamos o nosso juízo. Não o podemos fazer, por enquanto. Talvez depois do jogo se a disposição for bastante e acharmos convenientes as declarações. Toda a gente pode ser seleccionador, especialmente quando não tem a responsabilidade do seleccionador...

Tavares da Silva

Stadium



Pablo Hernandez Coronado,
seleccionador espanhol
de futebol

O seleccionador espanhol

Pablo Hernandez Coronado, o actual seleccionador espanhol, é uma figura curiosa do futebol de Espanha. Pertence à camada dos antigos, e nesta chamada dos *homens dos velhos tempos* que houve na Federação de Espanha, Coronado foi um dos escolhidos e lembrados: antigo jogador, e dirigente toda a sua vida, no Real de Madrid e na Castelhana, o actual seleccionador tem uma longa prática das lides desportivas.

Trata-se de uma pessoa muito curiosa! os seus ditos de espírito, na roda do café, soltos despreocupadamente, fazem a volta a Madrid para regressarem ao mesmo café.

Um bigodinho curto como que lhe dá um ar estranho e irónico. Tem-se a sensação que Coronado deve divertir-se com o próximo, e em último recurso com ele próprio...

Não ouvindo nada nem ninguém, e apenas em contacto com dois treinadores, Encinas e Urquiza, o seleccionador espanhol vai fazendo os seus cálculos e alinhando nomes. Não tenhamos dúvidas que nos apresentará uma selecção forte.

No entanto, Coronado está a ser alvo das críticas mais violentas, e o último jogo da Selecção-S. Lourenço de Almagro colocou-o numa situação embaraçosa.

Coronado resiste e explica as coisas a seu modo. Por exemplo, disse a Cândido de Oliveira para a *Bola*:

«No *bacarat*, após uma série de *amarillas*, há toda a probabilidade de sair uma *colorada*, uma vez que, no baralho, não há *es amarillas*... Logo, após uma série de vitórias de Espanha, é lógico que

No Mundo da Bola

Pelo JORNALISTA DESCONHECIDO

TRANSCRIÇÕES DE OURO CORRE QUE...

dos jornais espanhóis

De Ramon Melcon, em «Marca»:

Ao menos, a nossa equipa, se esilver constituída na sua maioria pelos jogadores que defrontaram o S. Lourenço, já entenderá bem de públicos adversos. O do Estádio Metropolitano foi, excepto nos primeiros minutos, mais um treinador de nossa selecção nacional.

De Eduardo Teus, em «Ya»:

Nada de alegres improvisações que, frente ao S. Lourenço, com seu futebol de tirilinhas tão maravilhosamente ajustado e perfeito, não podem conduzir mais do que a uma estrepitosa derrota. E o que é pior, ao ridículo.

Ainda:

Enfim, para que detalhar minuciosamente o clássico quadro de desconcerto de um ensaio de selecção quando as coisas se forcem. Que estes combinados, agora se lhes chama assim, têm sido sempre a melhor presa para uma boa equipa de clube com jogo de conjunto, e o S. Lourenço de Almagro o tem de sobra. A equivocação para o prestígio de um futebol nacional é submetê-lo a estas provas.

De Alcaraz, em «Arriba»:

As nossas virtudes tradicionais têm-se ido deformando sem que nos dêsemos conta, por causa de baixas preocupações.

Venceu o S. Lourenço de Almagro a equipa que marca outra etapa no jogo espanhol, porque o nosso jogo continuará a ser espanhol, apesar de estarmos seguros que os treinadores e os próprios jogadores buscarão na precisão uma arma mais eficaz que o heroísmo, o ímpeto e outras qualidades muito estimáveis do nosso temperamento, mas que convém pulir com o exacto, com o que ordena uma mecânica perfeita.

Ainda do mesmo jornalista:

Ao sair do campo, um grupo de amigos formulou-nos esta pergunta:

— Demillr-se-á o seleccionador; *verdad*?

E nós, espontaneamente, sem tratar de medir as palavras, contestámos:

— Porquê?

Continuamos a pensar o mesmo que durante a partida do Metropolitano. O seleccionador, enquanto não conseguir concentrar durante algumas semanas os escolhidos e submetê-los a meticulosa preparação, não poderá fazer mais do que buscar os melhores ou decidir-se por uma equipa de clube.

De Juan Deportista, de A B C.:

Para que estes *ases* deem um resultado médio, antes destes encontros (o jornalista refere-se ao desafio Combinado-S. Lourenço) seria mister — já se fez em outras ocasiões — tratar de reuni-los, de dar-lhes coesão, de achar fórmulas de conjunto. Colocando-os assim *solto* no campo, permanecerão indefinidamente soltos: como ontem. Porque o que já resulta evidente é que uma equipa de clube — há três agora em excelentes condições para isso: Bilbao, Barcelona e Madrid — reforçada nos postos onde a baixa é evidente, daria melhores resultados do que qualquer combinação, ou, melhor dizendo, mistura, de tão deploráveis efeitos como a de ontem.

surja uma vitória de Portugal... E quantos mais jogos se realizarem, mais provável será essa vitória... Daí o admitir, só por isso, que pode ter chegado a altura da primeira derrota de Espanha e, nessa altura, ter realizado aquilo que nenhum dos meus antecessores havia feito...

É claro que tudo quanto se diz de Pablo Hernandez Coronado cessará, na hipótese de, no próximo domingo, se verificar a costumada vitória a favor de Espanha, ou, pelo menos, o empate.

Ainda não se sabe como estará constituído o Grupo espanhol que se apresenta no próximo domingo no Estádio Nacional. Diz-se muita coisa, e apontam-se vários nomes...

Ao certo, o seleccionador só resolverá depois do desafio-treino que hoje se disputa, em Madrid, opondo-se ao Grupo espanhol

E' impossível a utilização do guarda-redes Azevedo na Selecção Nacional. Verificou-se agora, após várias radiografias, que a fractura se deu em duas costelas, e não em uma, como se julgou a princípio.

♦♦ A procura de bilhetes para o Portugal-Espanha excede todas as expectativas! Os pedidos caem na Federação, de toda a parte e por todos os processos. Mas conseguir um bilhete é difícil, como sempre sucede quando os compradores são muitos e os bilhetes poucos, relativamente.

♦♦ Cardoso foi punido com um jogo de suspensão a propósito dos incidentes ocorridos em Elvas, e o facto desgostou profundamente o jogador. Todos os elementos do Sporting contam as coisas mais estranhas daquele jogo!

♦♦ No Estádio, Cardoso, primeiro, e depois Feliciano, fizeram anos. Os seus companheiros resolveram oferecer a cada um uma esplêndida gravata. Comentário do Amaro, sempre oportuno nos quites: Já é sorte demasiada fazer anos no estádio. A não ser que seja «bluff»!

♦♦ A Federação dedicará grande atenção ao aproveitamento, e também aperfeiçoamento, dos Juniores. Dentro de pouco tempo começará a trabalhar-se com entusiasmo. Os Juniores devem comparecer em Londres.

♦♦ Os argentinos não aceitaram alguns convites em Espanha para se deslocarem a Portugal. Já estavam cheios de pestas e viraram-se para o escudo.

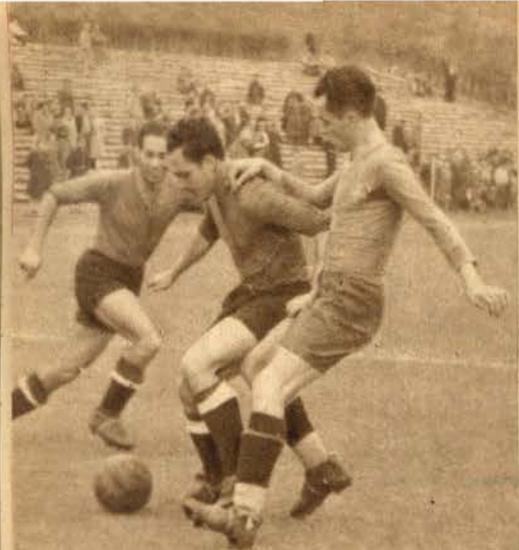
♦♦ Vem aí um lote enorme de jornalistas espanhóis. Todos os nomes conhecidos da especialidade virão a Lisboa. E até os desconhecidos.

A linha espanhola de futebol

provável uma selecção da Segunda Divisão.

Mas não andamos longe da verdade apontando os seguintes nomes: Bañon, Clemente, Aparicio, Gonzalvo II, Bertal, Nando, Iriondo ou Epi, Arza, Zarra, Panizo e Gainza.

Há, no entanto, jogadores ainda a considerar, como César, Ipiña e outros.



O avançado-centro nacional, tendo a seu lado Jesus Correia, esgueira-se, apesar do obstáculo que lhe surgiu na frente!

No último treino da selecção portuguesa, contra o Belenenses, Peyroteo disparou alguns tiros desta espécie...

A SELECÇÃO NACIONAL *treina e prepara-se*



GONZALVO III



CURTA



CLEMENTE



APARICIO



BAÑÓN

Os "INTERNACIONAIS" *espanhóis*



EPI



IRIONDO



HUETE



NANDO



BERTOL



GAINZA



CAMPOS



PANIZO



ZARRA



ARZA

O nosso Estádio Nacional, que a fértil imaginação e dinamismo do falecido ministro Duarte Pacheco ofereceu aos desportistas do nosso país, tem sido admirado por muitos estrangeiros que nos visitam. Dirigentes ingleses, irlandeses, franceses, espanhóis e sulcos, algumas vezes interrogados por jornalistas, não escondem a sua surpresa e simpatia pelo recinto do Val do Jamor, garantindo alguns que não têm visto melhor.

Isso nos orgulha, evidentemente. Londres, com o seu Wembley; Paris, com o Parque des Princes; Barcelona, com o Montjuich; Madrid, com o Estádio do seu primeiro clube; Berlim, com o Estádio Olímpico; ou Bordeus, com o seu elegante Estádio Municipal, não envergonham a nossa primeira pista.

Ainda há dias, aqui na redacção da «Stadium», ao trocarmos impressões com o sr. Fernando Sereiva,



Estádio Municipal de Bordeus

O público precisa de combater as más condições acústicas do ESTÁDIO NACIONAL

jornalista português que exerce a sua profissão no Brasil (Recife), pudemos saber que nenhum sul-americano deixaria também de impressionar-se — e a alguns terá sucedido assim — caso vissem o nosso Estádio. E no Brasil, como é corrente, há campos da melhor categoria...

Entretanto, para alguns jogos internacionais, o Estádio Nacional já

em Bordeus um Estádio Municipal onde o assento e a comodidade são invulgares, como se vê por uma gravura que publicamos. Os franceses apontam-no como admirável modelo. Na Corunha — o Riazor desafia os melhores de Espanha. E no Brasil não se fala. Pelo Mundo fora é assim, com certeza.

Portugal precisa de os imitar, tanto quanto possível, e nesse sentido temos trabalhado por todos os meios ao nosso alcance — que infelizmente são bem poucos.

Agora que o Estádio Nacional se vai encher de desportistas amigos dos grandes jogos, é talvez oportuno lembrar que todos devem contribuir para a alegria do Estádio. As suas condições acústicas não são famosas, e isso contribui até certo ponto para se notar falta de vibração no público quando os nossos grupos «Internacionais» precisam de calor e de ânimo forte para a luta.

Oxalá a tarde de domingo próximo ajude um pouco. A equipa nacional precisa também, como todas, de sentir à sua volta o aplauso quente da multidão, empurrando-a para o ataque — para a Vitória! Na elegante pista de Bordeus, por exemplo, é isso fácil. No aberto Estádio, já as dificuldades são maiores, bem se sabe. Por isso é oportuno o confronto das gravuras...

Porém, o nosso bom público, sempre pronto a bater-se, saberá contribuir mais uma vez para vencer os efeitos acústicos, aplaudindo sem desânimo e sem perder o cavalheirismo que todos lhe conhecemos

em relação aos visitantes.

E' preciso ter alegria no Estádio! Isso vamos ver com certeza no domingo, dia do grande jogo Portugal-Espanha.

Rodrigues Teles



Vista geral do nosso Estádio Nacional

nos parece insuficiente, e por isso não faltam sugestões que conduzam ao aumento de lotação. Talvez fechando a entrada de maneira especial, do lado da Praça da Maratona — dizem uns... Ou criando um novo piso, elevando mais o anfiteatro — afirmam outros...

Julgamos que o caso está a ser ponderado convenientemente, e não é nosso propósito falar de tal assunto. Pretendemos apenas dizer, mais uma vez, que sentimos alegria imensa quando o Estádio se enche, e ainda hoje temos nos olhos o espectáculo impressionante da inauguração e nos ouvidos o som da «Portuguesa», que mais de 50 mil pessoas cantaram emocionadas, lágrimas a cair pela cara ardente de febre e de justificado orgulho.

Naquele dia lindo de sol todos vibraram e ninguém por certo esqueceu a importância da obra tão necessária à nossa actividade e em agradável dia prometida pelo Chefe do Governo. De então em diante, sentimos que se deu um passo em frente, e só nos causa pena o facto de não haver no Porto, e por aí fora, alguns campos que possam servir mais e melhor a nossa capacidade no desporto.

Talvez aqui seja muitíssimo grande, em número, a superioridade alheia. A França, por exemplo, possui



Tribuna Presidencial do nosso Estádio Nacional

A primeira prova-campeonato de natação

disputou-se há 40 anos

As competições inter-clubes da natação não figuram entre as mais antigas, no nosso país. Até 1902, não se passou de pequenos torneios de praia e de grandes proezas individuais, algumas delas relacionadas com acontecimentos de vulto na história pátria. Destas proezas há relato em trabalhos de carácter histórico. E dos torneios ou festivais em praia só temos algumas notas referidas a 1893.

Vem de 1902 o esforço do Ginásio Clube Português, sempre com papel de valor na introdução de vários desportos, no sentido de abrir o ciclo das provas oficiais de natação. Orientada essa campanha por Álvaro de Lacerda, que foi jornalista, atleta e dirigente de excelente visão, o velho clube começou por fundar uma escola de natação,

que teve como professor o falecido Walter Awata, e só se lançou na organização de provas em 1905, quando julgou existir um bom núcleo de nadadores capazes de assegurar a sequência das provas. E nessa mesma altura fundou também a primeira Liga de Natação.

A primeira prova não podia, por isso, deixar de ser da iniciativa de Álvaro de Lacerda. E o seu entusiasmo levou-o a prepará-la com grande relevo. Álvaro de Lacerda fez tudo — as bases da corrida, com carácter de campeonato nacional; o regulamento da prova; a classificação do amador em natação; a propaganda, entre os clubes e na imprensa; e a própria organização da corrida. E até entrou na prova como concorrente. Entre a propaganda levada a efeito, figura a que se fez em «Os Sports» do Dr. José Pontes.



ARTUR RUMSEY
Sócio do Real Velo Clube do Porto
e vencedor do Campeonato de Natação

Como ambiente para a prova, preparou-se um grandioso festival náutico, obteve-se, da simpatia de D. Carlos I por todos os desportos, uma linda taça de prata, e conseguiu-se que o monarca, morto um ano depois, assistisse ao festival, com altos dignitários da corte e vários elementos de representação na política da época. Esteve em projecto um vistoso cortejo fluvial, desde o pontal de Cacilhas até à baía do Alfeite, para onde estava marcado o trajecto. E a Parçaria dos Vapores Lisboenses, a antiga Parçaria do Cais do Sodré, organizou um passeio, para o público, no «Lisbonense», que era ainda um vapor de rodas.

A Meia Milha do Ginásio

A prova de honra, a primeira prova-campeonato que se organizou em Portugal, disputou-se no dia 14 de Outubro, no percurso da meia milha marítima (926 metros), calculado na ampla baía do Alfeite, tendo por prémios principais a «Taça D. Carlos I» e uma medalha de ouro.

Nos termos das notícias então publicadas, a enseada apresentou um aspecto lindíssimo, logo de manhã, com uma verdadeira esquadilha de ligeiros e vistosos barcos a singrar em todas as direcções. D. Carlos e os seus convidados apareceram no «Sado», hiate real. O júri, composto pelos srs. Pereira de Matos, Dr. Jaime Neves e Correia de Barros, funcionou a bordo do vapor «Útil», que servia também para transportar os concorrentes. Havia muito público no «Lisbonense» — e ao largo da praia. Quase todas as embarcações andavam embandeiradas. Foi uma manhã de festa, no rio.

A inscrição reanirra 7 concorrentes, mas dois deles não

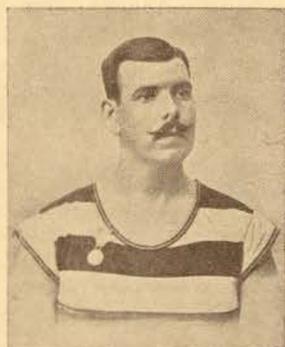
compareceram à partida — Eduardo Shirley, do Ginásio, e João V. Lima Maier, da Liga Naval. Alinham, para a largada, a bordo do batelão-escola do Ginásio, os seguintes nadadores: Mário Duarte (pai), do Clube

Mário Duarte, de Aveiro; Artur Ramsey, do Velo Clube do Porto; António de Sousa Monteiro, do Ginásio Clube Figueirense, da Figueira da Foz; Álvaro de Lacerda, do Ginásio Clube Português; Francisco S. Marçal, do Ateneu Comercial de Lisboa; Carlos Lacombe, do Clube Naval de Lisboa; e Fernando Costa e Manuel de Ávila, da Associação Naval de Lisboa.

Este grupo de concorrentes constituía o escol da natação em 1906. Mário Duarte (pai) era uma figura notável de «sportsman», em vários desportos. Artur Ramsey, inglês, tinha o seu nome ligado à introdução de alguns desportos no Porto. António de Sousa Monteiro veio da Figueira com a fama de proezas no oceano. Álvaro de Lacerda fixara, um mês antes, em 9 de Setembro, o recorde particular da travessia do Tejo, em 1 h. 02 m. Fernando Costa afirmara-se como nadador de velocidade. Francisco Marçal tinha estofa de campeão, como demonstrou mais tarde. Manuel de Ávila era pouco conhecido. E Carlos Lacombe, remador no Naval, aprendera a nadar naquele ano.

Quanto a idades e estilos, os concorrentes representavam duas gerações diferentes. Dado lado, os que estavam perto da retirada — Mário Duarte, Álvaro de Lacerda, António Monteiro e Artur Ramsey. Do outro, os que principavam: Francisco Marçal, Fernando Costa, Carlos Lacombe e Manuel de Ávila. No que respeita a estilos, o mais moderno, entre os mais espalhados, era o *over-arm*. Estávamos realmente no começo da natação...

Mário Duarte, Monteiro, Lacerda, Rumsey e Marçal já faleceram. Carlos Lacombe formou-se em engenharia e é professor. Dos outros nadadores, não temos nenhuma referência.



ANTONIO DE SOUSA MONTEIRO
Sócio do Ginásio Clube Figueirense.
Classificado em segundo lugar no concurso de natação



Taça oferecida por S. M. El-Rei D. Carlos I ao «Real Ginásio Clubes» para ser disputada no Campeonato de Natação

A vitória pendeu para Artur Ramsey, que se afirmou como excelente nadador, rápido e forte. A lista completa da classificação foi a seguinte:

- 1.º Artur Ramsey, 19 m.;
- 2.º António de Sousa Monteiro, 24 m.;
- 3.º Francisco Marçal, 26 m.;
- 4.º Fernando Costa, 26 m.;
- 5.º Mário Duarte, 29 m.;
- 6.º Álvaro de Lacerda, 29 m. 30 s.;
- 7.º Carlos Lacombe, 30 m.

Álvaro de Lacerda ressentia-se do esforço feito em travessias anteriores. E Manuel de Ávila desistia, com uma esibra.

Outras provas, mergulhos, saltos e salvamento

O festival do Alfeite englobou outras provas de várias características, em natação, mergulho, saltos e salvamento.

António de Sousa Monteiro ganhou os «mergulhos», em luta com Gago Coutinho, que veio depois a celebrar-se em Aviação, na travessia do Atlântico. Gago Coutinho sabia de água debaixo do batelão e levou muito tempo a aparecer, provocando alguns sustos...

Mário de Oliveira

(Continua na página 19)



Os jogadores da Sanjoanense em Lisboa

OS SANJOANENSES EM LISBOA

A Associação Desportiva Sanjoanense, estreante — como o Famalicão neste Campeonato Nacional — parece-nos desejosa de bem cumprir o encargo que lhe foi atribuído pela classificação no seu campeonato regional. Claro que o grupo apresenta-se com as características naturais de um *team* que pela primeira vez entra em competição com os fortes do futebol nacional. Mas o entusiasmo como receberam a nova "posição," e a sua boa vontade em progredir, tanto tecnicamente como na valorização associativa do seu clube, a Sanjoanense aparece-nos conquistando simpatias, expondo projectos. Um incidente, já relatado no seu devido tempo, acerca da sua entrada no Campeonato, chamou sobre o clube as atenções gerais.

— Mas foi-nos feita justiça — disseram o sr. José Tavares, tesoureiro do clube, quando da ultima passagem da Sanjoanense por Lisboa.

— Como encaram o vosso ingresso no Campeonato Nacional?

— Com optimismo e seguros de que faremos um lugar aceitável. Já vê, não podemos ter aspirações excepcionais, mas havemos de nos conduzir por forma a merecer de todos, adversários e publico, o seu justo acolhimento.

— Em S. João da Madeira?

A nossa vinda para o Nacional constituiu grande satisfação para os sanjoa-

nenses. Creia que a representação que recaiu no nosso clube está à altura da importância desportiva de S. João da Madeira. Situados a 8 quilómetros de Oliveira de Azemeis, a 10 de Ovar e a 20 de Espinho, o povo da nossa terra é o que mais vibra e o que mais entusiasmo leva aos jogos. Uma receita num jogo que dá bem a ideia do interesse que se vive em S. João da Madeira pelo futebol: 29 contos com o Benfica, mas todos os encontros acusam receitas muito aceitáveis.

— Interesse por outros desportos?

— A nossa terra tem capacidade para praticar outros desportos, mas o futebol está em primeiro plano. Esse interesse reflecte-se nos constantes encontros que se disputam entre as fábricas. E em S. João da Madeira há muita matéria prima para aproveitar. Os nossos onze jogadores são todos produto do futebol local.

Uma pergunta a propósito:

— Dispensariam actualmente o jogador Victor Baptista?

— As condições que se ofereceram ao nosso antigo jogador nunca poderiam ser suplantadas, ou sequer igualladas, pelo Sanjoanense.

— Que pensa do *team* sanjoanense?

— Um grupo capaz de

alcançar situação interessante. Não se acclimaram ainda a este campeonato. Apre-se tam-se com jogadas de indecisão, alguns aspectos de inexperiencia, mas trabalha-se com entusiasmo e com a certeza de alcançar em breve um nível de jogo que não só satisfaça as nossas aspirações como nos ajude a dar a S. João da Madeira um grupo de futebol que constitua o merecido prémio ao interesse e entusiasmo com que ali é visto o grande desporto.

Fernando Sá



Os novos valores da Sanjoanense: António Santos, Manuel Pardal e Joaquim Baptista



O presidente do clube, sr. José Tavares, conversando com o outro dirigente dedicado, sr. António Santos



Abriu a época de volei. Uma fase do encontro do Sporting com o Lisboa Ginástico, em volei



Grupo de atiradores que tomaram parte no torneio apreciação, ao sabre, por equipas, organizado pela Federação Portuguesa de Esgrima e disputado na Sala de Armas da Casa Militar

Os visienses e barreirenses tiveram bom comportamento

Nova vitória expressiva do Oriental e empate da «Cuf» em Almada — O Beira Mar de Aveiro foi o único vencedor do seu distrito — Nenhum clube de Setúbal perdeu com adversários estranhos

Os resultados da 2.ª jornada do campeonato nacional de futebol foram os seguintes:

Grupo A — 1.ª série: — Celoricense-Sporting de Lamego, 3-0; Mirandela-Flávia, 6-3; Flaviense-Vila Real, 1-3.

2.ª série: — Vianense-União de Paredes, 4-0; Leixões-Desportivo de Monção, 6-0; Leça-Ramalense, 2-1.

3.ª série: — Avintes-Desportivo das Aves, 3-2; Gaia-Sporting de Fafe, 0-7; Salgueiros-Oliveira do Douro, 4-0.

4.ª série: — Gil Vicente-Candal, 1-1; Infesta-Académico, 2-2; Ermesinde-Sporting de Braga, 1-2;

Grupo B — 5.ª série: — Beira Mar-Comimbricense, 8-0; Académico de Viseu-Sp. de Espinho, 2-1; S. L. Viseu-Ovarense, 3-0.

6.ª série: — Anadia-Naval, 1.º de Maio, 3-2; União de Coimbra-União de Lamas, 7-2.

7.ª série: — Ginásio de Alcobaça-Atl. Marinhense, 0-2; Operário de Sant.-Fe.ªs Entronec, 2-2; Oriental-Leões de Santarém, 7-2.

8.ª série: — Nazarenos-Alhandra, 8-1; Op. Vilafranquense-Sacavenense, 1-1; Matrena-Bombardalense, 2-2.

Grupo C — 9.ª série: — União Torreense-Casa Pia A. C., 4-1; Desp. de Peniche-Águia Vilafranquense, 0-1.

10.ª série: — Seixal-Amora, 4-1; Futebol Benfica-Unidos do Montijo, 2-3.

11.ª série: — Almada-Cuf de Lisboa, 1-1; União de Sesimbra-Ginásio de Cacilhas, 3-0.

12.ª série: — União de Montemor-Lusit. de Évora, 2-1; Luso do Barreiro-Palmelense, 2-1; Aldegalense-Barreirenses, 2-3.

Grupo D — 13.ª série: — Sport da Covilhã-Atlét. Egitanense, 13-1; Gouveenses-S. L. Cast. Branco, 0-2; Pinhelense-Covilhenses, (*).

14.ª série: — Sporting Elvense-Juventude de Évora, 4-0; Portalegrense-Sport Gampoiarense, 4-0.

15.ª série: — Moura-Cuf do Barreiro, 1-4; Luso de Beja-Alenquer de Reguengos, 1-1; União de Beja-Piense, 5-1.

16.ª série: — Desp. de Faro-Portimonense, 2-2; Lusitano de Vila Real-Louletano, (*).

(* Desistência dos grupos de Pinhel e Loulé.

Aponte-se desde já o facto dos dois clubes de Viseu terem ganho aos seus adversários da A. F. de Aveiro: — Sporting de Espinho e Associação Desportiva Ovarense, por 2-1 e 3-0, respectivamente. Este facto, por não ser muito frequente, merece relevo especial, até porque denuncia certo propósito de fazer subir o futebol beirão ao melhor nível, coisa que até aqui não acontecia.

A vitória do Académico, 2.º classificado de Viseu, sobre uma equipa já categorizada como o Espinho, não foi expressiva, é bem certo, mas corresponde aos anseios da colectividade e pode servir para animar os seus jogadores nas futuras jornadas. A Ovarense não é das equipas mais fortes de Aveiro, mas no seu campeonato obteve alguns bons resultados. O S. L. Viseu, ganhando por 3-0, deu provas de superioridade.

Outros resultados surpreendentes bastante: — o empate do Infesta, da 2.ª Divisão do Porto, sobre o Académico portuense; o empate do Gil Vicente, da 1.ª de Braga, com o Candal, da 2.ª do

Porto; a expressiva vitória do Beira Mar de Aveiro contra o Sport, de Coimbra; a vitória do Anadia, tendo por adversário a Naval, da Figueira da Foz; o triunfo obtido pelos montijenses no próprio campo do Futebol Benfica; a desforra do Sporting da Covilhã, que venceu o Egitanense por 13-1; o empate que o Almada impôs à Cuf lisboeta...

E, por aí fora, outros resultados de tomar em conta, embora sem merecerem referência especial Poderíamos lembrar a vitória do Salgueiros sobre o Oliveira do Douro, mas esta parece-nos naturalíssima se esquecermos a derrota dos encarnados do Porto, 8 dias antes, em Negrelos. Também a escassa vitória do Sporting Clube de Braga, em Ermezinde. Mas o Ermezinde, a despeito de pertencer à 2.ª Divisão do Porto, possui valor razoável, já demonstrado em vários jogos contra grupos fortes.

Mais para o Sul, o Desportivo de Faro empatou com o Portimonense. Os rapazes de Faro cedem 2.º empate em dois jogos, visto que fizeram igualmente 2-2

com o Lusitano de V. R. de Santo António. Regularidade...

Neste último domingo, o Lusitano não teve adversário. O conjunto de clubes algarvios ficou desfalecido, por desistência do Louletano. Como desistiu igualmente «Os Pinhelenses». Já nos referimos a estes abandonos no último número da *Stadium*, e por isso nos parece desnecessário abordar novamente o problema. Mesmo, no ano corrente, a solução é difícil ou melhor — impossível.

No sector lisboeta, registou-se nova vitória de bom calibre: — a do Oriental, que submeteu a equipa dos «leões de Santarém», 8 dias antes derrotados pelo Alcobaça no seu próprio campo. Foi o único agrupamento de Lisboa que conseguiu ganhar. O Futebol Benfica, que ganhara ao Operário de maneira estrondosa, na primeira jornada, perdeu no domingo; e os cufistas da 1.ª Divisão de Lisboa não foram além de um empate em campo do lado de lá do rio.

Poderá dizer-se que foi má a sua jornada? Nem tanto. Os dois mais categorizados — Oriental e Cuf, não se devem separar muito dos lugares da vanguarda, sendo justo supor que cheguem ao fim da sua série bem classificados. Na zona setubalense, quase tudo se passou «em família». Os grupos do Seixal e da Amora, vizinhos, não travaram luta de expectativa. Os seixalenses levaram a melhor. O Barreirenses ganhou no terreno do Aldegalense, pela tangente, mas de maneira a garantir uma segunda vitória preciosa. E o Luso, que, na primeira jornada e em dia de festa, não pôde ganhar ao melhor grupo do seu concelho, conseguiu no último domingo vencer o Palmelense no seu campo. O mesmo aconteceu ao conjunto cufista do Barreiro, que se deslocou para Moura.

Logo, o comportamento dos grupos da A. F. de Setúbal, tendo estranhos por adversários, ganhou mérito igual aos da A. F. de Viseu, representados pelo Sport Lisboa e Académico. Lamego, mais afastado, já não conseguiu ganhar ao Celoricense.

JUNIORES DA A. F. L.

OS ENCONTROS DA 8.ª JORNADA

Futebol Benfica e ficou isolado no segundo posto da classificação. Em suma, uma vitória que pode ter sido decisiva para as aspirações dos palmenses. E, finalmente, o Estrela Amadora atenuou as suas preocupações quanto ao risco de vir a ser último na série, pois bateu o Sintrense.

Teve as honras da jornada um desafio da 2.ª série: o Benfica A-Oriental A. A derrota dos «encarnados», na 1.ª volta, provocara desalento e a oportunidade de desforra era aguardada com interesse. E inegável que os benfiquistas se reabilitaram, dando a impressão que os «orientais» começam a oscilar. Todavia, a vitória pela tangente revela equilíbrio de forças.

A regularidade do Desportivo Operário é de assinalar. E o seu triunfo sobre o Arroios sobressai

porque a equipa jogou só com 10 elementos.

O Sporting B excedeu as melhores previsões.

Todos os resultados que se verificaram na 3.ª série, devem ser considerados normais. O Sacavenense, vencendo o C. P., logrou boa desforra e os avanços dos «azuis» (A) evidenciaram-se indo além do habitual na marcação de pontos.

Belenenses B na 4.ª série venceu o Cascais. Venceu e convenceu, confirmando que as esperanças que neles se depositam são razoáveis.

E o Cascalheira também se creditou de bom trabalho ao defrontar o Paço de Arcos.

Diamantino Dias

Stadium

A segunda jornada do campeonato

A segunda jornada do campeonato de Lisboa voltou a pôr em evidência o grupo do Belenenses, ao qual a prova parece ter dado extraordinários recursos, que as suas exhibições nos torneios preparatórios da época não deixavam adivinhar.

Tendo derrotado uma semana antes e por copiosa marcação a equipa sportinguista — vencedora dos dois torneios de abertura da temporada e finalista do terceiro — venceu no domingo, por maior soma de pontos ainda, a formação de «Os Treze»: nada menos de 10-3.

Somos assim forçados a apreciar pelo seu evidente valor a eficiência da linha avançada dos «azuis», que se mostra susceptível de levar o grupo a largos cometimentos.

No terreno do Jockey Clube, defrontaram-se os dois clássicos rivais lisboetas, Sporting e Benfica, e o jogo decorreu muito animado e em condições de causar aos partidários dos dois adversários sucessivos amargos de boca.

Ao intervalo, os «encarnados» ganhavam por 2-1, marcaram mais um ponto logo no começo do segundo tempo e perderam de seguida uma grande penalidade, que, a ser aproveitada, lhes daria um confortável avanço de três pontos. Só depois os «leões» desperçaram e conseguiram brilhante recuperação, alcançando seis bolas nos vinte minutos finais, sem consentir resposta dos contrários. No entanto, não pode classificar-se de satisfatória a exhibição dos vencedores. No terceiro encontro da Divisão principal, o campeão da

época passada ganhou ao Oriental apenas pela diferença de uma bola.

A competição, julgando-a com poucas bases, pois vai ainda muito em começo, parece incerta quanto às possibilidades dos participantes e, isto com certeza, será ardentemente disputada por todos, no anseio de conquistarem o direito de presença no campeonato nacional que, a ser aceite a proposta apresentada pela Associação de Lisboa, admitirá este ano três clubes de cada região.

A par do costumado interesse pela prova de campeonato, o meio andebolista da capital sobressaltou-se com certas notícias de possíveis deslocações ao estrangeiro do grupo seleccionado. Tudo quanto a tal respeito se afirma é, por agora, prematuro; a Federação está, de facto, estudando as possibilidades de uma larga digressão além fronteiras, mas nem sequer solicitou ainda a indispensável autorização superior.

São muito pesados os encargos que se contraem com empreendimentos deste género e não podem ser tomados de ânimo leve, deixando-nos arrastar por entusiasmos cujas consequências não tenham sido cuidadosamente previstas.

E', na realidade, possível que o andebol português conheça, este ano, a sua primeira grande saída internacional; se, porém, ponderarmos bem todos os elementos em jogo, diz-nos a consciência que, sendo possível, será talvez também pouco provável.

José de Eça

A "PROVA DOS SETE"

só provou deficiências de organização

A Associação de Atletismo de Lisboa levou a efeito no passado domingo a sua segunda organização da temporada de Inverno, uma prova entre equipas de sete corredores, sem distinção de categoria.

Se a iniciativa era de louvar, o mesmo se não pode dizer quanto à forma como foi posta em prática; atraso no início da corrida por culpa dos dirigentes responsáveis, percurso impróprio e distância calculada a olho.

Tratando-se de uma corrida de começo de temporada, para mais aberta a participantes das categorias de juniores e principiantes, impunham a prudência e a razão que fosse escolhido um percurso relativamente fácil dentro das condições de distância previamente estabelecidas. Os terrenos que circundam o estádio do Lumiar, onde, em 1911, se disputou o primeiro corta-mato organizado em Portugal, e que desde então ficou sendo — durante muitos anos em exclusivo — o local preferido para as corridas do género, foram sempre muito difíceis por demasiado acidentados; são-nos imensamente mais agora, porque o circuito utilizável está reduzidíssimo, e seria inaproveitável se não se conseguissem aumentar de perimetro da volta sinalizada.

Um circuito de pouco mais de um quilómetro, com uma ladeira duríssima de cerca de 250 metros, não deve ser aceite, sobretudo para corredores novos e pouco experimentados. Para percorrerem pouco mais de quatro quilómetros, distância imprópria para uma

prova de corta-mato, os concorrentes foram obrigados a escalar quatro vezes uma colina íngreme e, em certo ponto, quase talhada a pique.

E' exageradíssimo e contrário a todos os conceitos actuais da corrida de corta-mato.

Nem a pista do hipódromo, nem isto: «in medius est virtus».

Por outro lado, não é possível crer que se consegue organizar devidamente uma prova de corta-mato, chegando ao local dez minutos antes da hora marcada para a partida e seguindo de improviso pelos terrenos adiante, com um moço atrás, carregando bandeiras.

O atletismo português já passou além do período de improvisação; os dirigentes de tais tempos já estão fora de moda; as responsabilidades são muito maiores, bem o sabemos, mas não fica mal a quem com elas não possa arcar, ceder o seu posto.

Na prova de domingo verificou-se a ausência dos jovens belenenses, vencedores uma semana antes; e forçoso é reconhecer que foi ajuzada a decisão, pois em percurso semelhante poderiam sair prejudicadas as evidentes qualidades dos novos componentes da equipa.

Sporting e Benfica, únicos contendores, partilharam os louros: o Sporting venceu individualmente com excelente prova de Filipe Luís, mas o Benfica conquistou o triunfo colectivo, o que mais significa nas provas da categoria, e fé-lo com absoluta e invulgar autoridade.

Manuel Gomes e Armindo Pereira foram os melhores elementos da equipa benfiquista, à qual faltou oficialmente João Silva, embora corresse ao lado dos concorrentes oficiais e com o equipamento oficial do seu clube. Outra irregularidade consentida pelo júri.

A distância anunciada no regulamento era de uma légua; ninguém mediu, nem ao menos com um podómetro, o trajecto traçado e percorrido quatro vezes, mas a realidade não deve ter andado longe do previsto. Quinhentos ou seiscentos metros a menos.

Constou-nos ainda que os cronómetros não trabalharam devidamente e alguns tempos foram frutos de estimativa.

Mais uma falha, a juntar a tantas, esta é menos grave, pois na mão dos nossos habituais cronometristas pouco mais crédito merecem os relógios, nos dias em que funcionam a contento dos seus detentores.

Salazar Carreira

"FLECHA"

é a melhor bicicleta

José de Eça

VOLEIBOL

A inauguração da nova época

Entrou em franca actividade o voleibol, o jogo desportivo que, nos últimos anos, mais se tem desenvolvido em Portugal e, entre todos os praticados no nosso país, um dos que reúne maior soma de cultivadores.

Abriu a temporada o campeonato universitário, organizado pela Inspeção da Mocidade Portuguesa por intermédio do Instituto Superior Técnico, e que este ano parece diminuído de interesse pela baixa geral de valor das equipas concorrentes, a contrastar com a subida de rendimento dos clássicos campeões.

Na quinta-feira passada a A. V. L. promoveu no ginásio do Técnico um interessante festival nocturno para inauguração oficial da época e distribuição dos prémios aos vencedores dos torneios de 1946.

A sessão teve motivos de agrado no desenvolvimento do seu programa e reuniu, na galeria, público numeroso e turbulento, que assumiu bastas vezes attitude desleal e francamente censurável para com os jogadores que, no melhor dos seus recursos, disputaram os diversos jogos preambulares.

Já não é a primeira vez que este reparo nos sai da pena; a mocidade costuma ser generosa, generosa e boa a mocidade académica.

Há um mínimo de respeito desportivo que se lhe deve exigir no comportamento, mesmo quando não mede o alcance do seu procedimento.

Depois de boas vitórias dos juniores do Sporting sobre os campeões do Lisboa Ginásio, e do campeão promocionário Estoril Praia sobre o Oriental, campeão da segunda Divisão, o grupo invencido do Técnico defrontou um seleccionado, na partida mais categorizada do programa.

Os «engenheiros» ganharam em duas partidas, com incontestável autoridade; o seleccionado, que mais propriamente era um misto, começou muito mal e melhorou bastante para o fim, mas alguns dos seus elementos, como Pancada Bravo — em absoluto fora de forma — Vinhas e Sá Vieira não justificaram a escolha que os dis-

tinguiu. A equipa ressentiu-se da falta de entendimento; melhor dizendo, viram-se seis jogadores, não se viu uma equipa. Esta, sim, estava no campo fronteiro; o sexto do Técnico brindou a assistência com uma exhibição de categoria, onde se destacou a acção extraordinária de um jogador admirável: David Cohen, o das reflexas fulminantes, o da colocação divinatória.

No domingo teve princípio, com a presença de oito equipas, o Torneio de Abertura, a primeira competição lisboeta de resultado incerto, porque se não inscreveu o grupo do I. S. Técnico.

Internacional, Sporting, Lisboa Ginásio e Estoril Praia ficaram apurados para as meias-finais, tendo eliminado, respectivamente, Benfica, Ateneu, Cuf do Barreiro e Belenenses.



O FAMOSO GRUPO DO S. LOURENÇO DE ALMAGRO — No primeiro plano, da esquerda para a direita: Peñalva, Colombo, Crespi, Blazina, Barso, Zubleta, Rodrigo e Imbelloni. No segundo plano: Alarcón, De La Mata, Ferro, Pontoni, Martins, Silva, o maçoagista, e Aballay



Em cima: — Um avançado argentino, Martinho, depois de ter driblado Gonzalvo III e Querejeta, remata às balizas. O remate talvez seja o ponto fraco destes grandes jogadores!



Ao lado: — Blazina, o guarda-redes argentino, defende por alto. Zarra ataca em fúria, no estilo caracteristicamente espanhol



Os avançados espanhóis atacam um pouco desordenadamente, Blazina, oportuno, defende por alto

MADRID, especial para «Stadium», de Ramon Melcon

Fomos ao desafio jogado entre o S. Lourenço de Almagro e o combinado espanhol no Estádio Metropolitano sem grandes ilusões. Bem sabemos que, as equipas de selecção, quando actuam em encontros de ensaio, preparatórios ou simplesmente de treino, o fazem sem demasiado espirito, e os seus componentes vêm ao campo pensando mais em não expor-se a uma lesão que poderia impedir-los de vestir a camisola internacional do que em pôr na luta todo o entusiasmo e a ilusão que saiam a reluzir quando se trata de um jogo entre clubes. Tínhamos visto jogar duas vezes o campeão argentino, e conhecíamos a sua excelente classe e a sua homogeneidade. Não admirava, pois, que não confiássemos em uma vitória dos espanhóis.

É evidente que o erro, analisando o que sucedeu em Barcelona, primeiro, e agora, em Madrid, está na própria organização destes encontros

Com vista ao PORTUGAL-ESPANHA a Selecção espanhola fez 2 desafios

mas nada se pode concluir de definitivo, quanto a táticas e a jogadores...

preparatórios da nossa selecção com uma equipa como o S. Lourenço. Porque, por muito que se queira dizer que o combinado espanhol não era a selecção nacional, e que os nossos jogadores não deram o rendimento que lhes é habitual, o facto é que na história dos desafios jogados entre argentinos e espanhóis, constarão essas duas grandes vitórias, e ninguém terá em conta no correr do tempo, se conservam estas ou aquelas circunstâncias que poderiam justificar o que sucedeu.

Em Portugal, por exemplo, como de outras vezes em Espanha, a selecção defronta-se, para treino, com conjuntos nacionais, quer mixtos quer grupos de clube. O resultado não tem importância, nem ninguém lha confere. É muito frequente, quase normal, que ganham os maus, os que põem na luta mais entusiasmo e coragem que os preseleccionados. E a ninguém ocorre que deve designar-se a equipa treinadora quando chega a ocasião de disputar um encontro oficial de carácter internacional.

Este teria sido o caso, se o combinado espanhol tivesse jogado contra outra equipa nacional, de clube, por exemplo. Mas quiz-se, talvez, confrontar o estilo do jogo classicamente espanhol com o affiligranado e precioso dos argentinos. E é indiscutível que os nossos jogadores poderão tirar algum proveito dessas provas. Porque o S. Lourenço de Almagro é um conjunto formado por homens de grande classe, os quais dominam a bola, a passagem e o drible como verdadeiros mestres.

Falham no tiro às balizas, precisamente o capitulo que constitue o ponto forte dos espanhóis. Mas saem ao campo com uma tática determinada; marcam soberbamente o adversário, anulam os seus avanços, e depois lançam-se nessa maravilha do traçado de passes, que mais parecem passos de baile do que ataques de uma diantetra como os entendemos em Espanha e em Portugal.

Pese à sua falta de tiro — disparar de longe,

naturalmente pois sabem, apesar de tudo, anichar a bola nas redes, como o prova os excelentes resultados que conseguiram até agora em Espanha — o seu jogo pode e deve servir de ensino aos nossos jogadores. A forma de desmarcar-se, o seu dominio absoluto de bola e as suas táticas defensivas, são todo um curso de bem jogar futebol. E os espanhóis necessitam, indubitavelmente, de adaptar o seu estilo à moderna técnica futebolística, de que são dignos representantes os campeões da Argentina.

Chegou a hora de se pensar um pouco em que a fúria não é tudo. E, à falta de homens de classe extraordinária como aqueles que tivemos há anos, há que basear a eficiência da nossa equipa nacional no jogo de conjunto, na compenetração dos seus componentes e no sacrificio do luzimento pessoal com vista ao êxito da equipa. A fúria — temo-lo dito em outras ocasiões! — pode faltar como ocorreu na partida frente à



A SELECÇÃO DE ESPANHA QUE JOGOU CONTRA O S. LOURENÇO — Da esquerda para a direita: Egulluz, Gonzalvo III, Arza, Irlondo, Epi, Querejeta, Campos, Zarra, Aparicio, Mencia e Bañon



Em cima — Querejeta, para deter a marcha de Silva, empregou todos os seus recursos. Gonzalvo III, atento, allviará o seu campo

Ao lado — Irlondo fez um canto. Zarra acorreu. Mas o guarda-redes argentino não se deixa bater



Pontoni, o melhor avançado argentino, rematou de cabeça. Bañon, que se houve colossalmente, apesar de ter sido batido meia dúzia de vezes, defenderá desta vez com êxito



Zarra, no chão, não conseguiu rematar com êxito. O guarda-redes argentino defende sem dificuldades. Sempre certo o portão

R. M.

A VIDA DESPORTIVA # POR ESSE MUNDO FORA

BOXE

EM ESPANHA

No frontão Fiesta Alegre realizou-se recentemente uma sessão de boxe profissional cujos resultados foram os seguintes:

José Valdés ganhou a Gerardo, por fora de combate ao segundo assalto, conservando o título de campeão de Espanha dos «leves»; Asencio venceu de igual maneira o «meio-pesado» Martínez Perales, ao sexto round; Torralba ganhou a Morales por pontos.

A sessão, porque o programa era pouco animador, resultou um pequeno desastre financeiro e desportivo.

♦ Luis Romero, duplo campeão de Espanha, dos «levisimos» e «meios-leves», declarou na imprensa de Barcelona que a sua maior aspiração seria combater com o pugilista francês Theo Medina, que possui actualmente o título europeu dos «levisimos».

NOS ESTADOS UNIDOS

Tami Mauriello, a quem o preto Joe Louis despachou em poucos segundos, reapareceu agora em Chicago enfrentando outro preto, Jimmy O'Brien, cuja reputação está longe de ser modesta.

Mauriello apenas precisou de aplicar três socos: o primeiro, após 45 segundos, pôs no tapete o adversário, que se ergueu acto contínuo. Em seguida, Tami aplicou-lhe um duplo, esquerdo-direito, e o preto voou para fora do «ring» com grande velocidade. Mais de 8.000 espectadores assistiram a tão breve batalha.

♦ Tony Janiro, um dos dez melhores pugilistas «semi-médios», subiu aos primeiros lugares da classificação mundial ganhando no Madison Square Garden de Nova York um combate de 10 assaltos a Tommy Pellone. A decisão foi dada por pontos e mais de 13.000 espectadores presenciaram a luta.

♦ O campeão belga dos «leves» José Preys empatou em Newcastle com Stan Hawthorne, embora tenha dominado claramente o seu adversário. A assistência protestou contra o resultado, considerando que a decisão do árbitro foi incorrecta.

Ambos devem combater novamente, depois do combate de Preys contra Billy Thompson, no dia 30 do corrente.

♦ Consta que jogarão na Europa alguns dos melhores pugilistas dos Estados Unidos e entre eles o famoso Joe Louis, que fará exhibições.

Os restantes que se anunciam são: Jake La Motta, Tippy Larkin, Willie Roach e Rocky Graziano.

♦ Para o título de campeão de França dos «semi-médios» Robert Villemin derrotou Jean Walzack, por pontos, em 12 assaltos, em Paris.

FUTEBOL

EM INGLATERRA

O segundo sábado do corrente mês decorreu muito animado em toda a Inglaterra, batendo-se os recordes de assistência registados até agora. Os trinta e dois desafios da 3.ª eliminatória da Taça da Associação de Futebol foram presenciados por 966.736 espectadores e as receitas cobradas aproximaram-se de noventa e quatro mil libras.

Londres foi teatro de oito desafios, dois dos quais comportaram enorme assistência: 70.195, em Stamford Bridge, no encontro Arsenal-Chelsea, que terminou empatado (1-1), e 65.681, em White Hart Lane, no match de Tottenham Hotspers contra Stock City, que findou de igual maneira (2-2).

Gillingham, o último sobrevivente dos clubes que não pertencem à Liga, sucumbiu por 4-1 diante de Swansea Town. Da 3.ª Divisão, apenas dois asseguraram a sua permanência no torneio: Chester, vencedor do Plymouth Argyle (2-0), e Port Vale, que eliminou Millwall (3-0).

O mais brilhante resultado foi a derrota de Aston Villa (seis vezes conquistador da Taça) pelo Burnley, com o score elevado de 5-1.

Charlton, Derby County, Brentford, Bolton, Manchester United, Everton, Birmingham, Manchester City, Wolves e Newcastle emergiram vitoriosos da prova. Chesterfield surpreendeu, ganhando a Sunderland por 2-1.

Entre os 27 teams definitivamente apurados para a 4.ª eliminatória, há 11 da 1.ª Divisão, 13 da 2.ª e 2 da 3.ª. Faltam ainda 5, que sairão dos desempates a realizar no meio da semana, entre seis da 1.ª Divisão, um da 2.ª e três da terceira.

CRICKET

O «match» Inglaterra-Austrália

Embora o cricket seja mal conhecido da maior parte dos países latinos, goza de justificada e ampla reputação entre as nações da comunidade britânica.

Todos os anos se efectuam desafios pondo frente a frente a selecção de Inglaterra com a África do Sul, a Índia, a Austrália ou Nova Zelândia. Presentemente, desenrolou-se em Melbourne o match entre os grupos australiano e inglês, com marcada vantagem

NOTA

DA

SEMANA

Nos Estados Unidos da América — onde tudo é grandioso, desde a virtude ao crime — o basquetebol adquiriu um importante lugar entre os demais desportos e captou as preferências do público. A par da sua

expansão, veio o progresso da técnica do jogo, atingindo rara eficiência, difícil de melhorar. Aos colégios universitários cabe a primazia, para não dizer o monopólio, deste género de atléctica e o valor das apostas efectuadas, nas noites de grande espectáculo, roça dois milhões de dólares — qualquer coisa como cinquenta mil contos em moeda portuguesa. Advieram daí algumas consequências, gra-

ves para o bom nome do desporto em causa e para o prestígio dos desportistas. Apostadores de profissão — bookmakers — na maior parte indivíduos sem escrúpulos, com hábitos de gangsters, passaram a exercer criminosa actividade, procurando subornar jogadores com dinheiro.

O primeiro caso veio a público em 1945 e passou-se com três estudantes do Brooklyn College, comprados para perder o desafio com a Universidade de Akron e, mais tarde, com o St. Francis College.

Poucos meses antes, o treinador doutra universidade leve de haver-se com um balateiro endinheirado que o procurou para saber o preço, em dólares, da derrota do team de Utah em benefício de Dartmouth.

A polícia entrou na liça, mas os trapaceiros não esmoreceram. Há poucas semanas, também os desportistas australianos sofreram um choque respeitável quando a Imprensa de Melbourne acusou os tenistas americanos, vencedores da Taça Davis, de comerciarem os bilhetes de convite que lhes tinham sido oferecidos.

Segundo a mesma Imprensa, os Yankees arrecadaram muito belas libras, com a agravante de se tratar de amadores. Finalmente (não há «dois» sem «três»...), os tribunais nova-iorquinos acabam de condenar a cinco anos de cadeia e 4.000 libras de multa certo «cavalheiro de indústria», chamado Alvin J. Paris, por ter tentado subornar dois jogadores de baseball do famoso clube Giants, de Nova York, para tornar possível a derrota deste grupo em benefício do Bears, de Chicago, seu adversário no campeonato da Liga Nacional.

E caso para aproveitar destes exemplos, pondo as barbas de molho. Até há poucos anos as corridas de cavalos, o boxe e a luta eram os desportos mais mal afamados. A opinião pública desconfiava, e desconfia, deles.

Hoje, pelo visto, nem os de maior respeitabilidade e independência — como são os desportos de equipa — podem livrar-se da ambição desmedida dos traficantes.

R. B.

O QUEI

Estados Unidos, 7 Inglaterra, 3

No famoso estádio de Wembley a equipa representativa dos Estados Unidos (amadores) derrotou a inglesa por 7 pontos a 3.

No fim da primeira parte os europeus ganhavam por 3-2.

No precedente desafio, também realizado há pouco, as duas formações tinham logrado empatar.

para os locais, que ganharam as duas primeiras «mãos», empatando a terceira, num total de cinco desafios.

Mesmo que a Inglaterra obtenha a vitória nos dois últimos, o triunfo pertence desde já aos australianos.

RUGBY

A França derrota a Escócia

Em Paris, o grupo nacional francês ganhou ao da Escócia por 8 pontos a 3 num desafio celebrado no Estádio de Colombes. O principal artífice da vitória foi Maurice Terreau, que durante o match revelou grandes qualidades tácticas, muita combatividade e sólido senso. No «quinze» escocês as principais figuras foram C. W. Drummond e W. I. D. Elliott, cujo trabalho valeu bem o de três, individualmente falando. Os backs estiveram infelizes, sendo de levar em conta que a linha avançada dos franceses, muito mais pesada, resistiu às placagens com vigor e efectuou constantemente uma pressão enorme, mantendo posse da bola.

Ensinar os defesas a jogar duro

Contribuir para a eficácia dos avançados

JANEIRO de 1947—Especial para «Stadium»—Por FERNANDO MENDES

Assim se pensa há muito tempo no Grã-Bretanha.

A leitura de um artigo, na última revista «Stadium» chegada a Londres, levou-nos a falar um pouco da maneira como jogam os defesas ingleses.

De facto foi bem vista e observada pelo autor do artigo a maneira como jogam os defesas da Grã-Bretanha, naturalmente no estilo dos espanhóis, dos suíços e outros. Pelo que se infere da crónica aqui invocada (da autoria do prezado amigo Rodrigues Reis, «culpado» destas «cartas»), são os avançados portugueses sempre dispostos a queixar-se do modo áspero como jogam os defesas adversários, enquanto que os árbitros mostram tendência para lhes fazer a vontade. Como é próprio público e a crítica autorizada do nosso país.

Ora, sempre será bom ver esses casos por um ângulo diferente. Se os desportistas portugueses tivessem assistido ao jogo Chelsea-Arsenal, não teriam dúvidas em verificar que o futebol jogado com «todas as armas» de natureza física.

Quando a bola chega ao sítio onde é obrigação rematar — e os que se descaidem nessa função principal. Não quer isto dizer que valha «tirar olhos», expressão muito popular nos nossos campos, mas o pinhão que faz o jogador pelo ar não se joga em nenhuma circunstância. O defesa ou qualquer jogador que na zona de remate aparece a impedir o «goal» adver-

sário, entra com decisão, arrojadamente, e não olha a cuidados especiais.

Entretanto, os árbitros não se perturbam, aceitando sempre a jogada como própria, como «avisos» de que a culpa pertence ao avançado, lento a passar tão rapidamente como é preciso, moroso a rematar com êxito. Os próprios treinadores não se dispensam de aconselhar o jogo duro. Não se «mata» — mas «maga-se», e a toada de todas as equipas forma padrão no futebol inglês, e julgamos que no futebol de todo o mundo.

Evita-se a «rasteira», condenada pela lei, mas não se castiga o jogador forte, que entra com fúria até atemorizar o adversário. Perna ou cabeça que procure a bola — é jogada, e se aos avançados é ensinado o «dribling», para desfeitear os defesas, a estes aconselha-se o «corpo todo» para vencer a habilidade que o adversário denuncia.

Os técnicos ingleses acreditam, e com razão, na eficácia do sistema. Os dianteiros das suas equipas são mais ágeis, habilidosos, como Finney, Matthews, Carter, Smith, etc. Na defesa há valentia. Se passarmos em revista o futebol de Espanha, não sucederá a mesma coisa? No país vizinho, Samitier, Alcantara, Regueiro, Herrera, Herrerra, Rubio, Lalaente, Lazcano, Goibaru e muitos mais não eram artistas? E Quincoces, Quesada, Otero, Passarin, Ocea, Aparicio, Manzanedo, Mesa, Vallana e tan-

tos outros não eram atletas?

Talvez o público português gostasse mais do estilo de Carlos Alves, Temudo, Ernesto Santos, Simões e Germano, mas é fora de dúvida que não poderá dispensar, em qualquer emergência de carácter internacional, o «peso físico» de Feliciano, Cardoso, Vasco, Alfredo, Mário Reis, Guilhar, Baptista e Gaspar Pinto — para não chamarmos à discussão outros valores do passado.

Vistas as coisas pelo modelo inglês, o futebol ganha com isso. Quando as defesas são áspers, os avançados procuram envolvê-las e derrotá-las, passando bem e depressa, imprimindo velocidade à bola, produzindo remates espectaculars e goals bonitos. Evitam-se os próprios choques. Progride-se na grande área, e o jogador que se agarra ao esférico, driblando para a esquerda e para a direita, expondo-se à carga, sofre as consequências da sua teimosia.

A defesa, neste caso, ajuda o progresso do futebol, e nenhum crítico ao árbitro a condena por isso. A lição não manda «agredir», mas os recursos físicos de cada um aceitam-se e estimulam-se convenientemente, no propósito de evitar o jogo morno e sem a vibração emotiva que a carga lhe empresta.

Logo, parece-nos que os grupos portugueses não devem lagir ao jogo duro, e nem os árbitros o devem castigar sistematicamente. É vulgar ver-se um avançado levantar os braços, em atitude que revela «desolento», explorando a sensibilidade do público, mas totalmente esquecido da sua obrigação de passar ou reter para lagir ao derrabe ou carga. Em Inglaterra, estava condenado. Em Inglaterra admitte-se menos o encontro do avançado que procura romper à casta dos braços, e por isso se castiga mais frequentemente.

Se os avançados portugueses se agarrarem ao critério simplista da sua invulnerabilidade, muito podem sofrer quando, fora de casa, tiverem pela frente homens daríssimos e sempre prontos a evitar que a bola chegue às suas balizas.

Tudo tem os seus limites, e na Grã-Bretanha também se pensa assim. Mas dentro desses limites não se despreza a mais ligeira arma. Não há excessos — porque o «excesso» é revelado pela «agressão», e esta costuma ser bem analisada por uma destreza inteligente, segura e imparcial dos juizes de campo.

E aqui está o segredo...—F. M.

Generosa oferta

Seguem em activo ritmo os trabalhos de preparação dos Jogos Olímpicos, que vão celebrar-se em Londres, no próximo ano. A famosa competição preocupa desde já os espíritos dos dirigentes desportivos de todo o Mundo, interessando-os simultaneamente no empenho de conseguir a melhor e mais forte representação e no propósito de proporcionar à comissão organizadora a mais eficiente colaboração.

O «comité» inglês, ciente das suas responsabilidades, prepara-se com a devida antecedência para garantir todos os elementos técnicos e materiais indispensáveis ao êxito da missão que lhe foi confiada, mas, embora para as principais competições se aproveitem instalações já existentes e que apenas haverá que ampliar ou aperfeiçoar, lata evidentemente com certas dificuldades que são ainda a consequência lógica do largo período de sacrificios que o país atravessou.

Reconhecendo tais circunstâncias, o Comité Olímpico Finlandês teve agora uma atitude de simpática generosidade, ofertando ao seu colega britânico cinquenta toneladas de madeira para as construções que venham a ser necessários e que a escassez de matéria prima na Inglaterra dificulta.

O presidente do Comité beneficiado manifestou publicamente a sua gratidão, afirmando que o oferecimento demonstra boa vontade e amizade entre os desportistas de todas as nações e comprova o espírito de camaradagem internacional que sempre guia a celebração das competições olímpicas.

Assim deve ser, de facto, sem restrições de qualquer espécie; o desporto, agente de paz e compreensão entre os povos, terá sempre, como tal, um papel importante a desempenhar, se lhe não deturparem o sentido, na vida futura da humanidade.

Ano V — II Série — N.º 216
Lisboa, 22 de Janeiro de 1947

Stadium
REVISTA DESPORTIVA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Travessa Cidadão João Gonçalves, N.º 3.
Telefone, 45903 - LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Chefe da Redacção: TAVARES DA SILVA

Propriedade da
SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LIMITADA

NEOGRAVURA, LIMITADA
SILVAS, LIMITADA

O «Almanaque dos Desportos»

Livro de 300 páginas ilustradas
a publicar oportunamente

Pretende-se apresentar uma obra completa, verdadeiramente nacional. Por isso mesmo, concluído o ano de 1946, só agora podem resolver-se diversos problemas, a fim de servir os compradores com uma publicação deveras importante. Como nunca se fez em Portugal; trata-se de um trabalho cuidado e difícil. Não é possível, portanto, adiar desde já a data provável da saída do «Almanaque». Iremos dando o nome dos inscritos, aguardando-se ainda que os interessados nos enviem a sua adesão para Trv. Cidadão João Gonçalves, 19-3.º «Stadium».

Fernando Paulo Aparício, Abrantes; Franklin Barbosa, Lisboa; João António Pereira da Silva, Porto; Mário Raul dos Santos, Lisboa; António Grilo, Assumar; Emanuel Moniz, Faro; Manuel Leixo Gomes, Assumar; Evaristo Manso Felgueiras, Freixo, V. do Lamego; Joaquim Felício, Setúbal; José Cardoso, Lisboa; João Barros e Cunha, Aveiro; João Correla da Costa, Casal Novo, Cucujães; Adriano Cardoso de Lacerda, Lamego; António P. Duarte, Lisboa; António Coelho de Barros, Guimarães; Jerónimo Gomes Martins, Beira; Fernando Ferrão Pina Pereira, Lisboa; João Monteiro, Aveiro; Afonso Fernandes da Costa, Setúbal; Joaquim Pereira de Deus, Rio Maior; Jacinto Alves, Mirandela.

APRECIÇÕES

De uma viagem a MADRID

A visita dos argentinos do S. Lourenço de Almagro levantou em Espanha a velha questão do passe curto e do passe largo. Os argentinos seriam os representantes da primeira escola e os espanhóis da segunda. Logo as hostes se bateram com denodo, defendendo uns o passe curto e outros o passe largo.

Quando nos puzeram a questão, e com aquela rigidez, lembrámo-nos se não seria possível um passe intermédio, nem tão curto nem tão largo...

Os argentinos conquistaram no Estádio Metropolitano um verdadeiro êxito, que, aliás, não deixarão de explorar em toda a linha no seu país.

Perante 60.000 pessoas eles fizeram, serenamente, como se estivessem num circo, todas as filigranas e preciosismos do jogo numa demonstração ubérrima.

Também, no final, tiveram o justo prêmio. 60.000 pessoas, acenando com lenços brancos, pediram a orelha...

Rienzi, o belo espírito do jornalismo espanhol, escrevia ao outro dia:

«Supomos que o grande Tavares da Silva dormiria a pierna suelta toda a noite.

O que não sabe o bom seleccionador português é que depois de aquillo reuniram-se os jogadores espanhóis e resolveram apresentar-se no Estádio Nacional de Lisboa disfarçados de argentinos.»

O S. Lourenço de Almagro é uma maravilha de jogo! Na defesa, como já dissemos, pratica o jogo de posição. Simplesmente, os backs fazem todo o possível, e conseguem-no, para não passar ao acaso. Jogam no estilo do nosso

antigo Carlos Alves, para melhor, é claro!

Presci, o magnífico defensor direito, verdadeiro pilar do grupo, dizia-nos que, na Argentina, não se jogava com a dureza do continente europeu.

— Não somos só nós. Todos os grupos jogam, neste capítulo, da mesma forma que o S. Lourenço de Almagro.

Por isso, os argentinos não têm necessidade de usar caneleiras, que, de resto, já começaram a adoptar na Europa!

A Selecção de Espanha, ou o combinado espanhol, como queiramos chamar, fez na verdade uma triste figura no Estádio Metropolitano no passado dia 16. Cândido de Oliveira, na Bola, dá bem a ideia do que aconteceu.

A equipa da vizinha nação foi batida em todos os sectores. E não deixou de impressionar vê-la, em certos momentos, toda ela, parada, dentro do rectângulo, como que a assistir ao espectáculo...

Bañon foi o único jogador em campo que recolheu unanimidade de opiniões acerca do seu valor e da sua figura como internacional.

O público invadiu o campo no final e sacou-o aos ombros, como se faz aos touretros.

No entanto, este homem acabou de suportar, em três encontros seguidos, a bagatela de 19 bolas...

Ninguém se iluda com o que sucedeu no Estádio Metropolitano. Faltaram, pelo menos, 4 ou 5 unidades no lado espanhol e não houve organização.

No Estádio Nacional veremos um team e um jogo muito diferentes. Os espanhóis são capazes de tudo: até de ganhar mais uma vez...

TAVARES DA SILVA



O caudano Franco, juntamente com sua Senhora, o embaixador da Argentina e o ministro das Negociações Estrangeiras, assiste ao encontro. Franco foi vivamente aplaudido.



Bañon, um esplêndido guarda-redes, defende, de mergulho, um remate de Dentoni.



Na presença do árbitro Inglês Barwick, vendo-se ao lado o espanhol Ramon Malco, os capitães, Aparicio e Zabietta trocam os ramos de flores, símbolo da amizade entre os dois povos.



O seleccionador Pablo Hernandez Coronado e o treinador Moncho Encinas assistem ao encontro. Não estão lá muito satisfeitos.



Bañon, o guarda-redes do Real Madrid, foi a grande figura do encontro disputado no Estádio Metropolitano. Foi aplaudido entusiasticamente pela assistência.



O conjunto da Juventude Desportiva da Liv.ção, formada por Santos, José Luís, Ramiro, Torcalo e José Alberto; Moreira, Júlio, Quim, Adriano, Teixeira, Eduardo e Araújo — no segundo plano



O grupo do Sport Lisboa e Trancoso: Belchior, Franco 1.º, Cardoso, Rui, Mendes, Jorge, Saraiva, Pereira (maçagiste), Espírito Santo, Franco 2.º, Vicente, Fernando e Ismael

Stadium na Província

Dificuldades . . .

A nossa Revista fez no último número referência a certas dificuldades que perturbam os clubes chamados ao campeonato nacional da 2.ª Divisão. Nada mais oportuno nem mais justo,

Sabemos, e sabem todos os desportistas, com certeza, que os encargos desses clubes são insuportáveis. Os árbitros, embora deslocando-se dos centros mais próximos, oneram as despesas de organização; há percentagens diversas a pesar no custo do bilhete; e nenhum clube das zonas provincianas, para esquecermos Lisboa e Porto, pode fazer face a essa série de responsabilidades, a não ser que os seus admiradores queiram «sacrificar-se», e isto tem acontecido vezes sem conta.

Mas é justo obrigá-los a isso?

Poderá dizer-se que o facto serve para seleccionar o poder desportivo dos concorrentes. Mas se o futebol português precisa de todas as boas vontades, será correcto não esquecer que da Província têm saído bons elementos para os clubes de primeiro plano, e que só auxiliando-os decididamente se contribuirá para a expansão firme e decidida do mais popular dos desportos.

Não precisamos de indicar soluções capazes de bem resolver o problema. Dizendo apenas que alguns clubes desistiram por incapacidade financeira e tocando ligeiramente a sua insolvência em fase de muitos encargos duros, talvez se habilite quem de direito a pensar um pouco nos embaraços que atingem quase todos os concorrentes. Porque não criar um «fundo especial» para auxiliar a presença das colectividades declaradamente modestas? Financiando as suas deslocações, pelo menos, e nem tanto dinheiro absorvem, talvez se contribuisse para a valorização do futebol...



O 1.º grupo do Clube Desportivo Celoricense, de Celorico de Basto: António Ribeiro (director), Pedrosa (juiz de linha), Armando Oliveira (árbitro), Arnaldo, Rui, Alvaro, Agostinho, Cesimiro, António Teixeira (juiz de linha), Cândido Silve (director), Abreu, Mota, Menecas, Dias, Aurélio e Albino

O 1.º grupo do Desportivo de Monção, que, pela segunda vez consecutiva, conquistou o campeonato da 2.ª Divisão da A. F. de Braga: No 1.º plano, da esquerda para a direita: José Ferreira, Manuel Alves, José Fernandes, Avelino Ferreira e Custódio de Brito; no 2.º plano: José Gomes, Joaquim Agre, Adolfo Fernandes, António, Alberto Cunha e Armando de Brito

A equipa de honra do Clube de Futebol «Os Mariaveles», campeão distrital da 2.ª Divisão na época de 1946 (Coimbra). Primeiro plano — Tonecas, Lusitano, Rider, Rosa e Dúlio. Segundo plano — Lineu, Pessoa, Noveis, Reis, Flávio e A. Coelho



Apontamentos para a história da sua prática em Portugal

IV — Os 800 metros

(Continuação)

O período de actividade da actual federação de atletismo teve seu início em 1922 e marca o ressurgimento da especialidade sobre novas bases técnicas. Aparecem valores, e, ano a ano, quinto a quinto de segundo, o limite do recorde vai sendo empurrado até ao ponto já apreciável em que se encontra, na esperança ainda de lutosos progressos; no arquivo dos recordes portugueses, a prova dos 800 metros é aquela que maior número de escolões comporta, reunindo uma lista de 23 sucessivos detentores.

A primeira prova de 1922 foi a do Concorso do Benfca, que reunia escassa concorrência e ressentia-se da ausência dos sportinguistas; Artur Santos, ainda recordista da distância, venceu pela última vez, em 2 m. 11,6 s.

No campeonato regional, Albano Martins conquistou o recorde com 2 m. 8,6 s., batendo largamente Abílio Nascimento, que andava ainda longe do valor que veio a provar. Artur Santos não compareceu à chamada.

O campeonato nacional reunia estes três homens e muitos eram aqueles que faziam do benficense seu favorito. A partida é bastante rápida, com Albano à cabeça, os outros colados; seguem assim até aos 300 metros, onde Santos fica para trás, o mesmo sucedendo a Abílio dazentos metros mais adiante. O vencedor gasta 2 m. 12 s., tempo que acaba os efeitos do forte vento que sopra; Nascimento terminou em 2 m. 16,4 s., e Artur Santos bastante longe. Dois concorrentes vindos do Porto classificaram-se nos últimos lugares.

No torneio organizado no capital do Norte pela revista «Sporting», António Ribeiro, do Nan'Alvares, venceu em 2 m. 25 s., havendo a notar que o percurso fora traçado na Avenida das Tílias, em ida e volta, com viragens em torno duma bandeira, condição evidentemente pouco favorável.

A temporada de 1923 foi pouco animada e pouco afortunada. O Concorso do Benfca foi prejudicado por incidentes lamentáveis, consequência directa de um júri mal constituído por delegados ocasionais, ignorantes e facciosos. Neste torneio se registou um facto curioso e original: reunindo o júri para deliberar sobre determinado litígio, pedia o presidente voto pessoal a cada um dos membros presentes, fazendo um deles a seguinte declaração peregrina: «Voto contra o clube X!»

Os 800 metros foram anulados porque os juizes se enganaram no toque da campainha que indicava o início da última volta.

Nascimento, vencedor do Regional em 2 m. 16,6 s., foi inesperadamente batido, no Nacional, pelo vencedor de jornais José Monarte, um desconhecido, em 2 m. 9,2 s.

A única prova da distância que teve interesse em 1924 foi a do Nacional; Carvalho Amaro fugiu ao pelotão após 200 metros percorridos e conseguiu um avanço de vinte metros, que a ené-

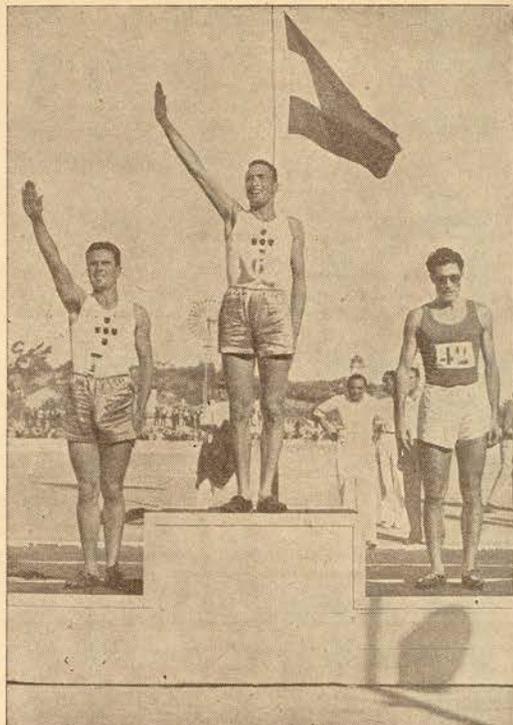
gica perseguição de Abílio só a alguns metros da meta conseguiu anular.

No concorso portuense do Nan'Alvares, António Carvalho, do Salgueiros, ganhou os 800 metros em 2 m. 11,8 s., derrotando os lisboetas Nascimento e António Almeida; note-se que o primeiro foi muito prejudicado porque, conduzindo o pelotão ao sair da primeira curva, esbarrou nam monte de barreiras que os organizadores se tinham esquecido de retirar da pista, atrasando-se por isso e desanimando-se por forma a perder aí toda a possibilidade de êxito.

Em 1925, o sportinguista Abílio do Nascimento conquistou pela primeira vez o recorde nacional e foi, em Madrid, o nosso representante no 1.º Portugal-Espanha; correu com tática errada, prejudicando a sua classificação. Fez toda a prova em segundo lugar, perseguido em vão o catalão Miguel (2 m. 5,4 s.), cansando-se sem vantagem e sendo ainda ultrapassado por Larabeiti (2 m. 12,2 s.).

No ano seguinte, a pugna ibérica repetiu-se no Porto e a representação portuguesa foi confiada aos dois «leões», Abílio e Amaro. Este segundo partia em velocidade, pois sabia das suas fracas possibilidades na ponta final, seguido pelo companheiro; na última volta, Raiz passou Abílio e aproximou-se de Amaro, a quem bateu na recta final, em 2 m. 5 s.

Nascimento, que embalara atrás do vencedor, ultrapassou também o camarada, entrando na meta em 2 m. 7,4 s., com um metro



Bastos e Vicente, os dois melhores portugueses nos 800 m., saídam o público depois da sua brilhante vitória no 3.º Portugal-Espanha

de vantagem e batendo ambos o antigo mínimo português.

1927 foi a temporada de revelação de Alfredo Silveira, sob as cores do Internacional, vencedor do Nacional e descendo o recorde; Nascimento foi campeão regional e Amaro triunfou no concorso do Académico e no Porto-Lisboa, em que bateu Silveira.

A evolução dos valores nos anos seguintes apresenta curiosas oscilações; em 1928, desapareceram da pista Abílio e Amaro, apareceu o portuense António Júlio Dias disputando a Silveira a primazia, e em lugares imediatos Ildo Gomes e António Gonçalves. Estes foram, na temporada seguinte, os melhores valores, superando ambos o recorde numa famosa corrida do Nacional, em que travaram luta feroz e emotiva.

Alfredo Silveira teve uma época apagada, nunca conseguindo classificar-se entre os primeiros, mas ressurgiu em 1930, vencendo a prova no Porto-Lisboa após renhida competição com a revelação portuense Arnaldo de Sousa e o campeão lisboeta Joaquim Alvarez, todos três batendo o recorde existente.

Os mesmos homens, em pior forma, se conservaram ainda na brecha durante quatro anos mais, inquietados por vezes — ou mesmo vencidos — por novos valores, como Anibal Rodrigues, Henrique Carmo e até Manuel Dias.

A prova regional de 1933 foi a mais concorrida de que há memória, 33 inscrições, obrigando à organização de eliminatórias. Infelizmente, de tantos inscritos apenas 14 compareceram na pista. O vencedor foi Anibal, em 2 m. 8,2 s.

Em 1934, António Gonçalves reassumia o comando na distância, vencendo os dois campeonatos e classificando-se segundo, atrás do espanhol Piferrer, na prova do encontro Lisboa-Catalunha, sendo 2 m. 6,4 s. o seu tempo. Na época imediata, correndo em Barcelona para retribuição da visita, terminou em terceiro lugar, em 2 m. 4 s., precedido pelo mesmo Piferrer e por Angel.

Salazar Carreira



António Calado, o primeiro português que baixou dos 2 minutos nos 800 metros

(Continua na página 19)

A I CONFERENCIA NACIONAL do REMO

A I Conferência Nacional de Remo constituiu uma importante realização de que muito virá beneficiar a modalidade.

Merecidos são os aplausos à Federação Portuguesa de Remo por esta iniciativa, cujos objectivos se fixam numa maior propagação deste desporto e — o mais importante — procurar resolver os seus principais problemas, que alguns são e de grande importância para o desporto do remo, tanto na sua actividade no nosso país como nas possíveis competições com os estrangeiros. Procura-se que o remo se rodeie dos necessários elementos que o prestigiem e deem à modalidade os imprescindíveis meios para melhor ainda poder cumprir a sua acção magnífica, como desporto que é um forte elemento de cultura física e de excelente formação do carácter do indivíduo.

Através das teses apresentadas muitos foram os casos de extraordinária importância postos em foco, valorizados pela clara exposição dos factos e pela autoridade das pessoas que os apresentam.

Destaque-se ainda nesta I Conferência Nacional de Remo a homenagem que foi prestada ao sr. comandante Soares de Oliveira, justa consagração ao esforço, entusiasmo e inteligência com que o ilustre oficial tem maneado o leme da organização.

Depois, um aspecto, interessante, como há muito não se conseguia, a reunião das embarcações de todos os clubes do Tejo, num desfile cheio de colorido.

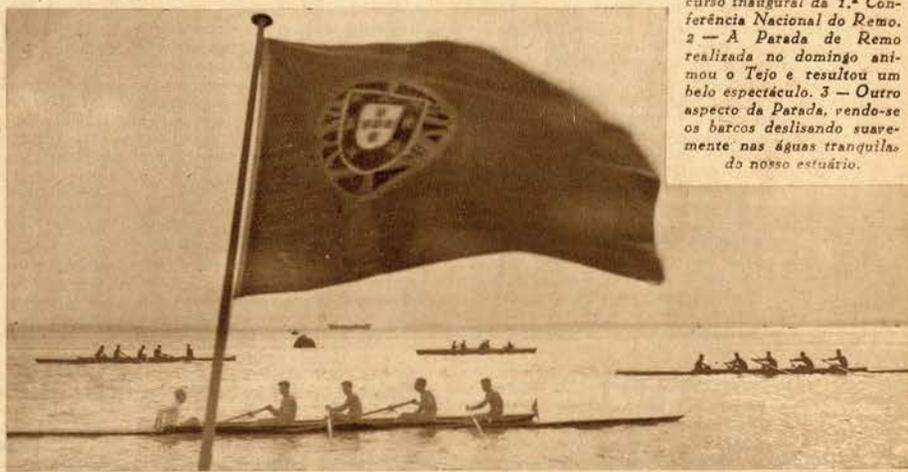
— O remo — disse-nos a propósito o sr. comandante Soares de Oliveira — é um dos exercícios físicos mais completos e portanto constitui só por si uma ginástica das mais salutares. Na ordem do dia impõe-se a todo o adolescente a prática da ginástica. Sabido é que, na maioria dos casos, ele a encara com relutância, por ausência de motivos recreativos. Se conseguirmos divulgar o desporto do remo como uma ginástica isenta de tais inconvenientes e repleta de emoções agradáveis é de crer que atrairemos para ele quantos se desiludiram nas salas de ginástica.

Uma certeza nos deixou esta iniciativa, a de que alguma coisa de útil se está a realizar em favor do remo nacional.

F. S.



1 — O sr. comandante Frederico Cruz fazendo o discurso inaugural da 1.ª Conferência Nacional do Remo. 2 — A Parada de Remo realizada no domingo animou o Tejo e resultou um belo espectáculo. 3 — Outro aspecto da Parada, vendo-se os barcos deslizando suavemente nas águas tranquilas do nosso estuário.



DESAFIOS DA 2.ª DIVISÃO



Em cima: — Uma fase animada do Futebol Benfica com os Onze Unidos, do Montijo. Ao lado: — O jogo, muito curioso, terminou pela vitória do valoroso team do Montijo por 3-2.



Em cima: — Um aspecto do jogo do Oriental com os Leões de Santarém. O guarda-redes lançou-se bem desta vez! Ao lado: Os avançados do Oriental iniciaram um perigoso ataque.

MOSAICOS nortenhos...

JOGOU no posto de defesa-direito, em Coimbra, o antigo médio Manuel dos Anjos. Temos a melhor simpatia por este veloso servidor do F. C. do Porto, um dos melhores homens que o campeonato alinhou nos seus *teams* de primeiro categoria. Mas daí até supor que seria utilizado contra os jovens estudantes...

É claro que o lamento não tem remédio. Mas também não queremos deixar sem referência esta tentativa que até parece de opereta. O próprio Manuel dos Anjos há-de ter lamentado a sua inclusão em altura tão imprópria e ingrata. E também nós, que o estimamos bastante.

♦ **SURPREENDEU** no Porto a derrota do F. C. P. em Coimbra. Todavia, talvez seja exagero. Não perdeu também com a Académica o grupo do Belenenses, de classe não inferior aos campeões nortenhos?

E se nos delixéssemos de cair tão magosamente? Estar toda a vida a seguir os resultados com as lágrimas nos olhos talvez constitua um perigo para a saúde pública...

♦ **DIGA-SE** uma coisa: — O F. C. do Porto já enfrentou o Benfica, Sporting, Belenenses, Estoril, Académica e Vitória de Guimarães. Quase nenhum fraco. O Boavista teve como adversários: — Estoril, Sanjoanense, Vitória de Guimarães, Famalicão, Oitavense e Alélico. Belíssimo comportamento do grupo de *xadrez*. Mas não podemos, por enquanto, fazer confrontos.

♦ **OS EXTREMOS** do F. C. do Porto são bons — se quiserem. Mas não brilham. Ainda não se sabe bem porque. Defeito de organização técnica? Tanto não será de acreditar, sabendo-se que Szabo conhece de seu ofício.

Lourenço e Catolino rematam bem — mas não rematam... Renunciam de um modo extraordinário na conquista do «goal» que tanta falta está fazendo. Ambos deixarão de se internar em «cunhas». Centram desastrosamente junto da bandeirinha do cento, algumas vezes para a terra de ninguém.

Julgamos que a crítica cumpre fazer destas observações. Ensinar. Corrigir. Dizer mal em presença dos resultados não é resolver o problema... Ou será?

♦ **ARTUR SOUSA** é uma jóia de rapaz. Toda a vida o recordaremos como extraordinário jogador de futebol. Mas tem muitas saudades da bola, do seu tempo, da sua época... Então possuíamos grandes elementos, com Artur no mais alto cume da celebridade, que sempre respeitámos e erguemos. Para nós, Artur era o mais clássico, o mais famoso.

Entretanto, a sua forma de ver na actualidade talvez tenha e sua pontia

O Estádio Municipal

está dependente da acção do Governo

O que se passou na última sessão da Câmara Municipal do Porto merece transcrever-se numa revista desportiva como a Stadium, sempre pronta a defender a construção de um campo de jogos digno da população desta cidade. E, já que o vamos fazer, na parte de mais interesse, lembremos que a obra do F. C. do Porto, se fosse por diante, talvez contribuisse para eliminar algumas dificuldades que o Sr. Dr. Luís de Pina apontou. Os campeões do Porto estão dispostos a sacrifícios, mas, embora isso aconteça, não conseguiram ainda o que tanto desejam. É desanimador...

Ouçamos, entretanto, o ilustre professor Dr. Luís de Pina:

«No Plano de Actividade para 1947 aludi à impossibilidade de esta Câmara poder satisfazer a construção de um Estádio Municipal conveniente à cidade do Porto. Disse então: «Quanto ao Estádio, forçoso é confessar que não pode a cidade edificá-lo à sua custa.

«Penso, e assim o disse pessoalmente a sua excelência o Presidente do Conselho, quando se dignou receber-me há cerca de um ano e meio, — que essa obra

de clúme. Não temos jogadores com a sua classe, é verdade. Mas quando ele existia como *ds* — também não víamos muitos... E o futebol da época tolerava os valores individuais. Hoje, tudo é mais difícil. Vem isto a propósito de uma entrevista que concedeu a um colega lisboeta.

Claro que o A. T. também está de acordo, e por isso é opinião do grande Artur seu assim tão expressiva e desvaliosa para os rapazes de 1947...

♦ **MERECER** bem a condecoração que possui o simpático Sport Clube do Porto, que só se dedica a desportos pobres: andebol, oquei em campo, atletismo, ginástica, esgrima...

Na ginástica, procura o valoroso Sport Clube voltar aos tempos de Armando Tschoop, para tanto mantendo as suas classes de homens, senhoras e crianças. Com o prestigio de que dispõe, julgamos que poderia a grande colectividade da Rua de Santa Catarina organizar no Coliseu, por exemplo, lúcido ser, possivelmente colaborado pelo Ginásio Clube ou do Lisboa Ginásio, o primeiro dos quais possui, segundo a crítica, dois famosos ginastas sulços. O público do Porto corresponderia.

Vemos a isso?

deve ser obra do Estado oferecida ao Porto e, mais ainda, ao Norte do País. Carece esta segunda cidade de Portugal de um elemento urbanístico e social desse género, a fim de poderem organizar-se aqui as grandes competições que deixam de realizar-se por não havê-lo. A classe desportiva e toda a gente o agradeceriam e saberiam estimar. Encetarei dentro em pouco diligências nesse sentido junto de suas excelências o Presidente do Conselho e Ministros das Obras Públicas e Interior.

«Volto, hoje, a este ponto, para solicitar de V. Ex.^{as} a aprovação necessária a esta iniciativa, que creio merecê-la, iniciativa que se cifra em expor àqueles ilustres governantes a melhor e mais solícita atenção para o assunto. Por certo, toda a cidade estará com o Município nesta petição e a patrociná-la as suas demais distintas autoridades.

«Na verdade, é parco de campos de jogos o velho Porto e a iniciativa que vai tomar-se em nada invalida qualquer outra que se tenha bosquejado — como a do estimado Futebol Clube do Porto — ou venha a surgir. A que citei agora continua a merecer desta Câmara o maior cuidado e na mesma medida em que lhe foi prometido.

«A edificar-se na zona desportiva, entre o Castelo do Queijo, a Circunvalação e a Avenida da Boavista, servido por algumas das melhores vias do Porto, a que há-de juntar-se, em breve, a Industrial ou vulgarmente chamada rápida (Porto-Leixões), o desejado Estádio portuense seria, com a piscina a construir à beira-mar e na mesma zona e com outros elementos de campo desportivo de varia sorte, numa das mais fecundas, significativas e felizes tarjadas da Revolução Nacional no Porto.

«É justo que o Porto receba essa dívida, o Porto que alberga hoje cerca de 250.000 habitantes e que, com os concelhos de Gaia, Matosinhos, Valongo, Maia e Gondomar, constitui um poderoso aglomerado social de cerca de 600.000 pessoas! Recorde-se que o de Vila Nova de Gaia conta 119.000, Matosinhos 63.000 e Gondomar 62.000.

«Toda esta população gravita e vive condicionada ao fulcro alimentador e amigo que é a cidade do Porto. Todos juntos constituem já hoje uma Federação Municipal instituída por lei e já em exercício desde há cerca de um ano, sob a presidência do Porto.

A nossa Revista, antes de que quer outro colega, já havia dito que Onofre Tavares te presentaria o S. L. Benfica. Na mesma altura, fizeram-se algumas considerações, lamentando-se então que o trabalho alheio não foi devidamente considerado, e ainda que não aparécisse o auxílio preciso a esse mesmo esforço. Porque como por varias vezes tem acontecido, os «apelles» acabam por ser correspondidos, — e tudo se fica em protestos, boas palavras e promessas não cumpridas...

Depois das nossas informações certe e indesmentível como todos transmiliu um colega aos seus leitores que o pequeno e simpático Onofre, bem admirado pelos portuenses, havia pedido a transferência. Um emprego, em Lisboa — costume... Já estávamos certo disso, como estivemos quando se afirmou aos leitores que Império para o Benfica e Fernando Moreira fora convidado e em princípio dissera que sim...

Mais tarde, toda a gente nos veio dizer que o ciclismo não seria nem sem a competência de certo clube. E nós achámos bem, desde que respeitasse direlhos, sem atropelar a uma acção de alguns anos...

No entanto, e a despeito de varias declarações trazidas a público tal não acontece. Como se o prestigio da velocidade dependesse única e simplesmente de uma oclividade, sem respeito algum pelo quanto se tem feito numa região populosa, vó de perturbar o interesse das gentes de valor, resolvendo o problema pelo processo mais simples. Dizer que o tempo «prego» calu do céu e era ambientado por uma atmosfera de respeito pelo mundo que é «assim mesmo», também parece não ser difícil, tanto mais que os resultados não são voráveis.

Mas porque, à luz da razão dos factos, tudo isto gira sempre volta do tal poderio clubista, que preciso manter custe o que custe julgamo-nos autorizados a fazer eco do protesto adivinhado a cada pello de portuense amante da sua terra e das suas tradições, bem respeitadas e aliendidas e certas esteras.

Julgo-se por cá que se enchia a dia e dia os sacos de santa paciência que Deus nos deu, e por lá corre de boca em boca a informação de que o F. C. do Porto, não forem defendidos os seus interesses e o trabalho de muitos anos abandonará a prática de velocidade. Isso será dizer que, para criar uma equipa de clube, ali com possibilidades de a conseguir sem ferir os outros, foi preciso do ter por terra o esforço de uma cidade ou de uma região.

Sabemos que estes casos de colectividade já não contam e nem têm as mesmas condições. No entanto, um vez seduzida a população com «obrigatoriedade» de se compor uma equipa que vença sempre, por outra coisa não corresponder a tal brlo clubista, achamos que honroso ensinar primeiro para ver depois. Os grandes clubes conquistam assim autoridade e prestigio, livrando-se da crítica áspera e dos estritos que provocam.

A primeira prova-campeonato de natação

(Continuação da página 6)

Mário Bastorff da Silva ganhou uma corrida de 100 metros-livres, e outra de saltos, reservada a alunos adultos da escola do Ginásio; e Pedro Bastorff da Silva triunfou nos 50 metros dos alunos infantis.

A parte de salvamento consistia numa prova para socorros a dois pseudo-náufragos, que estavam em dois escaletes abandonados, a pouca distância da praia. As duas equipas concorrentes saíram da praia com dois remos e nadaram para os escaletes, empurrando os remos, de modo a deslizarem sobre a água. Saltaram, depois, para os escaletes; armaram os remos, nos toletes; e remaram para a praia, «varando» os escaletes. E conduziram depois cada naufrago para fora da linha da água. A prova foi ganha pela equipa que chegou primeiro.

Henrique José dos Santos, também já falecido, que era um nadador resistente e de grande flutuabilidade, e que fizera antes

diferentes travessias do Tejo, algumas delas vestido, ou com os pés ou as mãos atadas, exhibiu-se, no intervalo das provas, em exercícios e brincadeiras de natação.

No dia imediato, em 15 de Outubro, disputou-se uma segunda prova, especialmente para pôr de novo em luta Artur Ramsey e António de Sousa Monteiro, sugerida por D. Carlos. Foi uma prova de mar, na baía de Cascais, entre o forte de São Julião da Barra e a vila. Houve muito vento — e muita rebenteação. Artur Ramsey bateu outra vez o forte nadador figueirense, completando o percurso em 1 h. e 11 minutos.

A primeira prova-campeonato deu, pois, motivo a duas jornadas de excelente propaganda para os desportos náuticos. A prova de mar não se repetiu, naquele trajecto. Mas a corrida da meia-milha ficou, porém, com esse título, no calendário anual das grandes provas nacionais de natação.

M. O.

ATLETISMO

(Continuação da página 16)

Nos anos imediatos, já dentro do período da geração contemporânea, aparecem-nos os nomes dos atletas que formam o pelotão dos nossos melhores especialistas: em 1935, o portuense João Ferraria; em 1936, o almadense António Calado, e em 1937 o seu conterrâneo Francisco Bastos, valor número um dos «oitocentistas» portugueses.

Em 1938, Calado conseguiu finalmente na pista do Lima, no campeonato nacional, violar o fatídico limite dos dois minutos (1 m. 59,8 s.), e a proeza valeu-lhe ser seleccionado para os campeonatos europeus, em Paris, onde não logrou classificar-se na eliminatória; o excelente corredor tem como atenuantes as condições desfavoráveis em que se desloca, sem a mínima assistência e em meio completamente desconhecido.

Nas finais das temporadas de 1940 e 1941, Francisco Bastos quis apresentar a boa forma para atacar o recorde e de ambas as vezes conseguiu o seu intento, apesar de correr praticamente só, sem adversários que lhe dessem o estímulo de uma réplica ou o reforço de uma ajuda.

Em 1944, os 800 metros foram incluídos no programa de atletismo da inolvidável festa da inauguração do Estádio Nacional; Bastos não pôde correr, vítima de lesão muscular no último treito de apuramento, e foi João Jacinto o triunfador em 2 m. 4,2 s.

Para finalizar, recordemos que Bastos desceu dois minutos no regional de 1945 e que tanto

ele como Vicente obtiveram os melhores resultados portugueses no estádio do Lumiar, no III Portugal-Espanha, disputado meses depois.

Chegámos assim à actualidade, que não importa recordar.

Eis os elementos estatísticos habituais.

Melhores marcas portuguesas:

1 m. 57,5 s., Francisco Bastos (Sp.), 15-9-45.

1 m. 59,4 s., José Vicente (Sp.), 15-9-45.

1 m. 59,8 s., António Calado (Alm.), 31-7-38.

2 m. 1,8 s., João Jacinto Silva (Sp.), 28-7-46.

2 m. 2,1 s., João Ferraria (Ac.), 25-7-37.

2 m. 2,5 s., José Sampaio Peixoto (Ac.), 26-8-44 e Humberto Bastos (Sp.), 13-7-46.

2 m. 3 s., Alfredo Silveira (Clf), 9-8-30.

2 m. 3,2 s., Arnaldo de Sousa (Sport Porto), 9-8-30.

2 m. 3,5 s., Hélio Felgas (Bl.), 11-8-40.

Campeões Nacionais:

1910-11 — Matias de Carvalho (Velo Clube e Sp.), 2 m. 25,8 s. e 2 m. 20,8 s.

1912-13 — Armando Cortesão (Clf), 2 m. 15,6 s. e 2 m. 13,4 s.

1914 — Salazar Carreira (Sp.), 2 m. 20,4 s. e Francisco Rocha (Clf), 2 m. 12,2 s.

1922 — Albano Martins (Sp.), 2 m. 12 s.

1923 — José Monarte (V. J.), 2 m. 9,2 s.

1924-25-26 — Abílio Nascimento (Sp.), 2 m. 11,8 s., 2 m. 12,6 s. e 2 m. 9,2 s.

1927-31-33 — Alfredo Silveira

Comentários

Estranha informação

A Federação Portuguesa de Remo editou um excelente anuário da sua modalidade, recheado de preciosas indicações e comentários técnicos, profusamente ilustrado e onde até não falta um artigo de exposição geral, escrito em francês para aqueles leitores estrangeiros aos quais não seja compreensível o nosso idioma.

Percorremos atenciosamente as páginas da interessantíssima publicação, que honra os dirigentes seus responsáveis, e demo-nos mesmo ao trabalho de ler cuidadosamente a prosa destinada a esclarecer os estrangeiros sobre a actividade e organização do desporto do remo em Portugal; pois viemos a encontrar nesse texto a mais estranha das informações!

A páginas tantas declara-se nada menos do que o seguinte: «Para efeitos das suas relações internacionais, a Federação Portuguesa de Remo encontra-se em contacto permanente com o Comité Olímpico do seu país!!»

Pasmem, pasmem os leitores, que nós também pasmámos. Então a Federação Portuguesa de Remo desconhece em absoluto as hierarquias a que está subordinada — Direcção Geral dos Desportos e Ministério da Educação Nacional — e coloca-se na dependência duma entidade de fins restritos e que nada tem que imiscuir-se com a actividade internacional ou nacional de qualquer modalidade desportiva?

A quem solicitou a F. P. R. autorização para realizar há dois anos o encontro com a Espanha? Qual o organismo onde procura apoio financeiro para as suas iniciativas? Qual o que lhe proporcionou fundos para enviar, no ano passado, dois dirigentes ao Congresso da Internacional, na Suíça?

Teria sido, por acaso, ao Comité?

Perigosas tendências

As intervenções dos guarda-redes no decurso de uma partida de futebol são por vezes, pela própria força das circunstâncias, inevitavelmente arriscadas. Quando a bola se aproxima da baliza, conduzida por um atacante adversário ou por ele perseguida de perto, o mergulho do guarda-redes para lhe impedir a passagem é sempre susceptível de provocar choque perigoso.

Felizmente, os acidentes não são muito frequentes, bastas vezes evitados pela nobreza desportiva dos avançados, que espontaneamente sacrificam a probabilidade de marcação ao risco de ferirem o camarada que se lhes opõe, suspendendo o remate ou saltando por sobre o corpo do homem que se lhes arrojou aos pés. Sucede, no entanto, que a fogueira, o entusiasmo, o anseio pela vitória se sobrepõem à reflexão nalgumas ocasiões e a jogada prossegue por parte de ambos até seu final, dando origem ao encontro violento das duas forças antagonicas.

Nestes últimos tempos têm sido, por coincidência, lamentavelmente vulgares os acidentes, alguns dos quais de certa gravidade, vitimando os guarda-redes portugueses, cuja forma temerária de jogar não hesita ante qualquer eventualidade; por outro lado, os interesses sempre crescentes que, directa ou indirectamente, se ligam com a necessidade de vitória nos jogos de campeonato, aumentam a cobiça do avançado pela marcação do ponto e influenciam-no na perigosa tendência de prosseguir até final, sem atender a contingências, na jogada de eventual resultado favorável.

Ceder as suas probabilidades, ante a maior temeridade do guarda-redes, requer um domínio de reflexos, sangue-frio e independência de espírito que não são exigíveis a todos os temperamentos.

Se a possibilidade de perigo está incluída pelo barão de Coubertin na própria definição do desporto, isso não deve significar que a acielemos como factor normal nos campos onde se enfrentam, para vigorização física, os nossos melhores atletas.

No caso presente, a regra permite a acção do atacante até ao último reduto defensivo contrário; mas pode talvez exercer-se uma influência moral de propaganda para demonstrar que nenhum êxito pode compensar o dissabor de um involuntário acidente provocado por excesso de ardor ou paixão.

(Clf), 2 m. 7 s., 2 m. 6,2 s. e 2 m. 5 s.

1928-29-30 — António Júlio Dias (Sport), 2 m. 4,4 s., 2 m. 5 s. e 2 m. 3,8 s.

1932 — Anibal Rodrigues (Sp.), 2 m. 8,8 s.

1934 — António Gonçalves (Bl), 2 m. 8 s.

1935 — Joaquim Antunes (Bl.), 2 m. 5,8 s.

1936-37 — João Ferraria (Ac.), 2 m. 5,4 s. e 2 m. 2,1 s.

1938-39-40 — António Calado (Alm. e Sp.), 1 m. 59,8 s., 2 m. 2,2 s.

e 2 m. 1,8 s.

1941 — Pires de Almeida (Bl.), 2 m. 4,2 s.

1942-45-46 — Francisco Bastos (Sp.), 2 m. 2,1 s., 2 m. 2,9 s. e 2 m. 1,8 s.

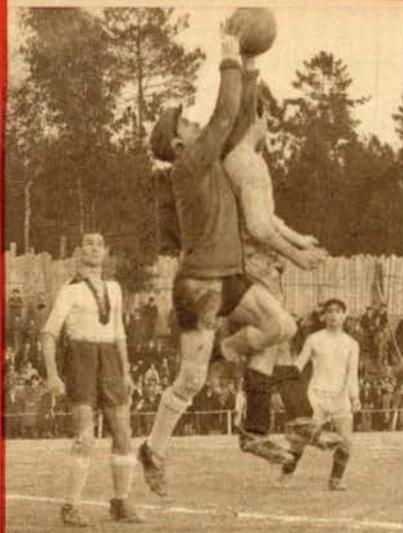
1943 — João Jacinto Silva (Sp.), 2 m. 7 s.

1944 — Sampaio Peixoto (Ac.), 2 m. 2,3 s.

Resumo: Sporting, 12 camp.; Internacional, 6; Sport e Académico, 5; Benfica e Almadense, 2; Velo Clube, Vendedores de Jornais e Belenenses, 1.

S. C.

FAMALICÃO = ESTORIL



À esquerda: No desafio Famalicão-Estoril Praia houve fases movimentadas. Sansão defende por alto e um lisboeta ataca. Em cima: Os de Famalicão também atacaram, havendo jogadas na grande área do Estoril. Mas os defesas lisboetas, atentos e oportunos, não se deixam surpreender com facilidade!

SANJOANENSE -- GUIMARÃES



À esquerda: Mota, do Sanjoanense, defende sem dificuldades. O perigo virá depois... Em cima: No encontro Vitória-Sanjoanense, José da Luz, que jogou bem, executou golpes de classe. Ei-lo, aliviando o campo!



O futebol progride, e o desporto da bola ganha dia a dia novos adeptos! Os jogadores novos merecem da parte dos Dirigentes os maiores cuidados e sabemos estar em estudo e preparação o aproveitamento integral desses jogadores que talvez se apresentem numa grande competição, em Londres. Valorizando todas as tentativas tendentes ao aperfeiçoamento do jogo, «Stadium» apresenta quatro equipas: 1 — Grupo A do belenenses; 2 — O «team» do Grupo Desportivo da C. P.; 3 — O onze do Colégio Militar; 4 — O da Escola Veiga Beirão

